



SBAT  
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE  
P. R. V. P. S. P. C. E. N. S. U. R. A. D. O. T. E. A.  
T. O. R. A. S. E. T. A. S. P. E. C. I. A. L. I. S.  
S. U. B. J. E. I. T. O. S. A. P. O. V. A. T. O. R. I. Z. A. Ç. Õ.  
*[Handwritten Signature]*  
REPRESENTANTE NO R. G. SUL

# Society em Baby Doll

643

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SBAT  
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE  
PARA FIM DE CENÁRIO ADOTADO  
TO. A. B. E. F. J. A. S.  
SUBSTITUÍDO A NOVA CENÁGRAFIAS  
REPRESENTANTE NO R. S. SUL

# SOCIETY EM BABY DOLL

Comédia em 3 atos, de Henrique Pongetti

## 1.º ATO

Grande salão de visitas de uma família enriquecida com a venda de terrenos e a incorporação de edifícios. O luxo — "standard", ostensivo, mas não de mau gosto, dos decoradores com móveis modernos e antigos misturados, segundo a receita dominante. A D. a porta emparricada que abre para o hall de entrada, ao fundo uma escada artística conduz aos aposentos no 2.º andar. Outra porta de ferro batido, à E. B., separa a sala de jantar. Ainda, à E. A., a porta menor que leva às outras partes da casa e ao serviço. Janelões e outras portas não essenciais à ação, mas justificadas arquitetonicamente ficarão por conta do cenógrafo.

São cinco da madrugada. Sentada numa poltrona, debaixo de um "abat jour" de pé, Zuleika lê um livro. Todo o resto da sala em penumbra. A luz do "natil" está acesa e o quarto de Eulália atravessa os vidros da porta. Ela veste um peignoir elegante, mas muito recatado, quase do feitiço de um vestido de noite, sem decote. Sua leitura é a leitura de quem mata o tempo de uma espera que lhe cause sofrimento. Surge vagarosamente, pela porta da E. A., Eulália. Sobre a camisola de dormir comprida, ela trás um "veston" de côr sóbria e quase masculino. Acende a luz grande.

EULÁLIA — (Em tom, ao mesmo tempo, queixoso e afetivo) Zuleika! Assim também é exagero!

ZULEIKA — (Assustando-se) É você, mãe!

EULÁLIA — São cinco horas da madrugada. Venha deitar-se, minha filha, vamos.

ZULEIKA — Mamãe, não insista. Você sabe que eu não durmo mesmo enquanto eles não chegam.

EULÁLIA — Mas eles são capazes de chegar com o sol alto. Cidinha me disse que o baile talvez terminasse com um passeio de iate.

ZULEIKA — Combinação estúpida, um baile e um passeio de iate! Apanhar o vento do mar de vestido decotado!

EULÁLIA — É estúpido, eu sei, mas eles se divertem assim. O que me parece mais estúpido é você não acompanhar seu marido e seus filhos, e ficar tódas as noites de plantão se envenenando, estragando a saúde.

ZULEIKA — Eu detesto a sociedade, já disse um milhão de vêzes.

EULÁLIA — Isso é desculpa. Você não fez nenhum esforço sério para se adaptar à nova

situação financeira de seu marido. Tudo se transformou à sua volta — você foi se deixando ficar.

ZULEIKA — Eustáquio enriqueceu muito de repente para eu poder me transformar. Eu nunca seria uma senhora de sociedade aceitável. A luta pela vida deixa em certas pessoas mar-

EULÁLIA — Qual! Vontade de sofrer! Você é moça bonita, tem preparo!

ZULEIKA — Mamãe: uma coisa eu não saberia fazer hoje: é sorrir sem estar mesmo contente e beijar outra mulher sem gostar muito dela. E isso é tudo quanto há de menos distinto.

EULÁLIA — Pois sim. Mas como é que seu marido e seus filhos se deram tão bem com a nova vida?

ZULEIKA — Aparência, mamãe, aparência. Nós somos uns novos ricos reconhecíveis até pelos nomes. Quando você procura netos, os parentes da família nos chamam Eulália, Eulália, Eulália. Eustáquio que não fosse seu genro? Outro Liberato e outra Dulcídia que não fossem seus netos? Eu me chamo Zuleika e você Eulália: já viu uma Zuleika e uma Eulália nas colunas sociais? Nós temos os nomes próprios típicos de uma classe modesta, apagada e pobre.

EULÁLIA — Ora!

ZULEIKA — É! Os grã-finos se chamam simplesmente José Carlos, Maria Clara, Luis Paulo. Os principes respondem pelo nome de Pedro, João e Manuel.

EULÁLIA — Que absurdo! Só a insônia pode meter essas coisas na sua cabeça!

ZULEIKA — Insônia! Porque os amigos íntimos de Dulcídia só a tratam de Cidinha e evitam escrever seu nome próprio até no envelope das cartas?

EULÁLIA — Ah!

ZULEIKA — Responda: Porque nós mesmas criamos horror ao nome de Dulcídia e só empregamos o apelido? Porque Cidinha lembra o colégio de Sion, e Dulcídia lembra o Orfanato. Dulcídia é nome de órfã, mamãe...

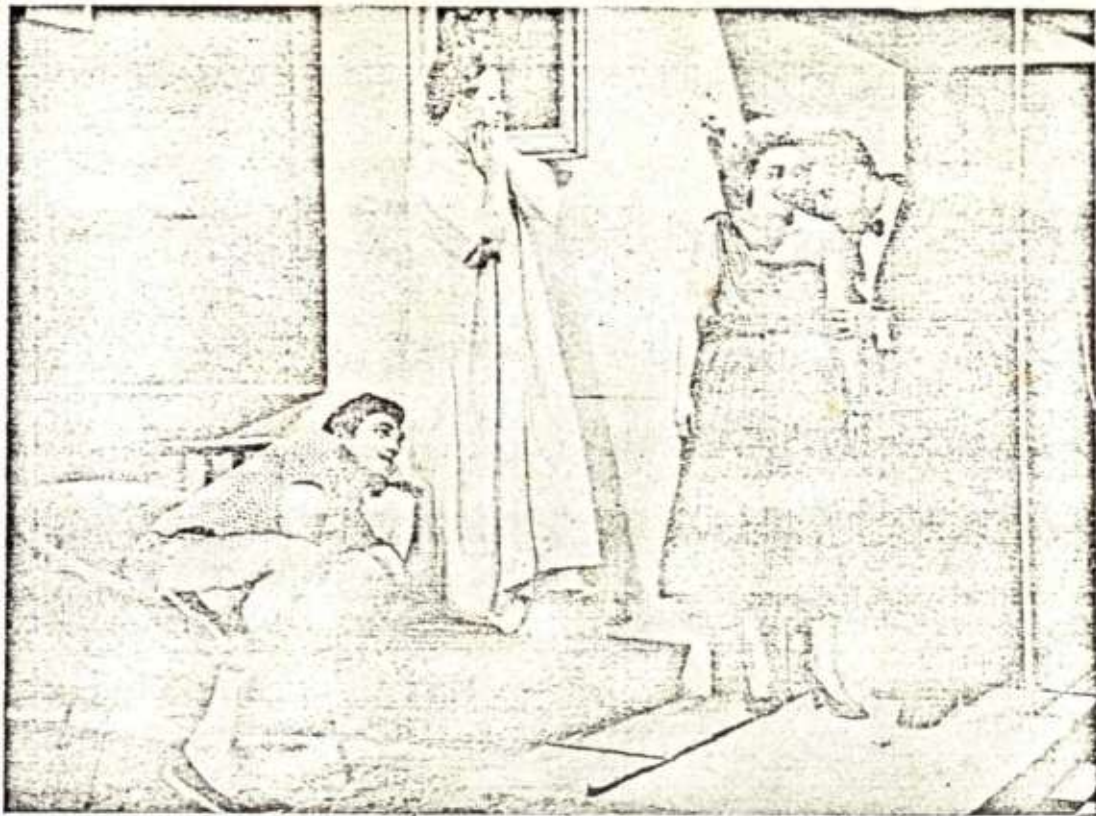
EULÁLIA — Essa sua maneira de viver está lhe dando uma visão completamente falsa das coisas! Eu não sei o que será de você se não se modificar!

ZULEIKA — Vá dormir, mamãe, vá. Você fala, mas também não dorme.

EULÁLIA — Ouça, minha filha. Venha deitar-se. Se eles saísem uma vez ou outra... vá lá. Mas eles saem mesmo tódas as noites e sua saúde não poderá resistir...

ZULEIKA — E a sua, pode?

EULÁLIA — Eu tenho a falta de sono da velhice. Os velhos não precisam dormir. Quer um copo de leite? U-na fruta?



Os criadores do peça vivem com o pé na mão. Mariana, Mariana, Mariana, Mariana, Mariana, Mariana e Manoel Carlos.

**ZULEIKA** — Olhe ali. Sebastiana me preparou a ceia, a minha ceia de fantasma, de guarda noturno. Até canapés de patê foie-gras ela arrumou hoje. (Ri) Uma coisa ninguém pode negar: o dinheiro dá um grande conforto físico às esposas e mães infelizes. (Noutro tom) Agora basta, mamãe! Quem se aborrece, se você não se deitar imediatamente, sou eu.

**EULÁLIA** — Está bem. Eu vou. Mas hoje pretendo reunir a família toda para uma conversa muito séria. (Ela abandona o copo e o garfo.) Assim não é mais possível. Parece uma casa de loucos... Deus me livre. (Desaparece na porta da E. A.).

(Zuleika bateja. Tenta abrir o livro. Cechila. Quando parece que vai dormir, ouve-se na direção do hall, o ruído do klaxon e do motor do automóvel. Ela acorda sobressaltada e se encolhe na poltrona, prestando uma profunda atenção, como se quisesse descobrir alguma coisa sem ousar aproximar-se para ver e ouvir melhor. Da porta envidraçada do hall quem entra, não a verá facilmente. Disponha-se a cena com esse cuidado. A porta abre-se: no limiar da sala, trava-se esse diálogo, entre gargalhadas de Mário e Cidinha, naturalmente alterados no seu humor normal por um pouquinho decente de álcool).

**MÁRIO** — Eu entro um bocadinho, só para dar uma espiada na sala.

**CIDINHA** — Não. Você verá a decoração nova no dia do cocktail.

**MÁRIO** — O dia do cocktail está muito longe. Cidinha: nós hoje não ficamos sózinhos

um minuto, nem no automóvel! (entra mais) Cinco minutos só, prometo!

**CIDINHA** — Não, não e não! Boa noite! Boa noite, não! Bom dia! (estende-lhe a mão. Zuleika já se ergueu e acompanha impassível a cena, do mesmo lugar, perto da sua poltrona).

**MÁRIO** — (enlaçando-a bruscamente e procurando beijá-la) Cidinha, eu não posso viver mais longe de você! Temos de decidir!

**CIDINHA** — Não, aqui não. Mário! (debaixada com a mão e dá-lhe um beijo inesperadamente) Agora vá, pelo amor de Deus! (Tira da bolsinha de soíree um lençinho) Tire o rouge dos lábios. Eduarda poderia estar esperando.

**MÁRIO** — Graça está! Eduarda só dorme quando não é preciso! (Limpa os lábios e devolve o lenço). Então, às 5 horas lá. O Sergio vai levar os discos novos.

**CIDINHA** — Ótimo! Dançaremos um pouco. Veja se ele tem a "Raphody in Rock'n Roll, do Elvis Presley.

**MÁRIO** — (Agarra-lhe as duas mãos e beija-as) Tem, sim, eu sei. Durma bem, meu amor.

**CIDINHA** — E você também querido... Se ela deixar... (Beijos).

**MÁRIO** — (Sai rindo, acompanhado de Cidinha) É isso mesmo: se ela deixar! (Ruído de motor de automóvel, que arranca e sai. Ouve-se as despedidas no hall).

**CIDINHA** — Bye bye!

(Zuleika caminha lentamente para o meio da sala e espera impassível. Entra Cidinha, cantando em inglês o último sucesso musical norte-americano).

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Telefone: 226-0242 - CEP 90020-025

CIDINHA — (Entra, atrapalhada, depois readquire seu acentuado desembaraço e beija a mãe na festa). Acordando tão cedo, mamãe...

ZULEIKA — Não dormi ainda, Cidinha!

CIDINHA — Mas isso não pode continuar! Você precisa pedir ao Dr. Castro outro tranquilizante.

ZULEIKA — (Com uma calma dramática) Pedirei outro tranquilizante ao Dr. Castro. Ele gosta tanto de receitar remédios novos!

CIDINHA — Mamãe, fiz um sucesso doido, mas eu conto tudo a você logo mais, sim? Estou morrendo de sono. Me dá um beijo depressa.

ZULEIKA — Cidinha, espere um pouco. Eu sei que a hora é imprópria, mas precisamos conversar.

CIDINHA — (Como se estivesse sonhando, ainda na festa) Ah, o fotógrafo da revista dos grã-finos me fez posar para uma porção de chapas, sabe? Todos dizem que eu vou ser a "charming girl" deste ano. Você não fica contente?

ZULEIKA — (Insensível, encarando-a com firmeza) Cidinha, eu estou desolada!

CIDINHA — Ora essa! É porque, mamãe?

ZULEIKA — Você acaba de se deixar beijar por um homem casado!

CIDINHA — Pronto! Eu queria guardar segredo por mais umas semanas e você descobriu tudo com a sua insônia! Mamãe, eu e Mário estamos novos secretamente. Ninguém sabe ainda.

ZULEIKA — Noiva de um homem casado?

CIDINHA — Que é que tem isso? Eduarda, a mulher de Mário, já sabe que ele quer se desquitatar. O advogado vai tratar de tudo. Casaremos no México.

ZULEIKA — Mas você, tão moça e tão interessante, se conformaria em casar por concessão no México? Então seu ideal era só isso, recolher as sobras de um casamento fracassado?

CIDINHA — Me perdoe, mamãe. Mas a senhora vive fora do mundo. Hoje, o que prende a gente a um homem não é uma certidão de casamento: é o interesse material ou o coração. No meu caso, Mário é riquíssimo, mas, se fosse pobre, eu teria a mesma paixão por ele. Mário é adorável!

ZULEIKA — (Chocada) Cidinha, eu não admito que você fale assim!

CIDINHA — (Sinceramente espantada) Assim como, mamãe?

ZULEIKA — Como falam, no "meu mundo fora de moda", as mulheres ordinárias!

CIDINHA — Ora essa, mamãe! Todas as moças que eu conheço falam como eu falo. Você é que não acompanha a nossa vida. E não acompanha porque é teimosa. Todas as mães das minhas amigas são moças como você, freqüentam a sociedade e, muitas vezes, botam as filhas no chinelo. Você não soube que a mãe da Baby vai se casar com o ex-noivo da filha?

ZULEIKA — Infelizmente, estou sabendo agora! Nem todas as misérias chegam aos meus ouvidos. De alguma coisa devia servir o meu isolamento.

CIDINHA — Você hoje está nervosa, mamãe.

ZULEIKA — Estou cansada de ver esta anarquia! Esta pouca vergonha diária dentro desta casa!

CIDINHA — (Grave) Mamãe, você me desculpe, mas eu vou me deitar... Com licença (Vai retirar-se).

ZULEIKA — (Agarrando-a pelo braço, com brutalidade, e empurrando-a para cima da poltrona, com raiva, os dentes cerrados) Você hoje

vai me ouvir! Todos hoje vão me ouvir nesta casa!

CIDINHA — (Horrorizada) Mamãe! (Alisa o braço magoado com uma expressão de dor).

ZULEIKA — (Fora de si) Eu sonhei para você um casamento, ouviu? Um casamento igual ao meu, igual ao de suas tias, um casamento honesto, abençoado por Deus. Esses arranjos combinados em apartamentos clandestinos e concluídos com um selo de correio estrangeiro, eu não admito. Você vai me jurar que acabará imediatamente com esse noivado. Vamos! Estou falando com você!

CIDINHA — É impossível, mamãe. Eu gosto de Mário e refleti muito antes de me decidir.

ZULEIKA — (Furiosa) Descarada! (Dá-lhe uma bofetada) Refletiu muito antes, não é? (Dá-lhe outra bofetada) Refletiu muito! (Entre as duas bofetadas, Eustáquio entrou pela porta do "hall" e testemunhou a cena).

CIDINHA — (Que não reagiu e tem no rosto uma expressão de ódio frio e raciocinado, ergue-se ainda) Eu vou me deitar, mamãe! Você deve estar muito doente. (Sai depressa, mas se deterá ao chamado de Eustáquio).

EUSTAQUIO — Cidinha!

ZULEIKA — (Prosseguindo no seu acesso) Sim; devo estar gravemente doente! Hoje o caráter se tornou uma grave doença, uma doença quase inconfessável! (A Eustáquio) Você está aí? Bem agora só falta recolher um, o mais atrasado de sempre, o campeão de lambretta!

EUSTAQUIO — Zuleika, basta! (Aproximase da filha e afaga-a). De hoje em diante você está proibida de intervir na vida de outros alunos. Ouviu bem? Proibida!

ZULEIKA — Repita, diante de sua filha, que eu sou uma inadapável, uma "demodée", que vivo fora do mundo, que não compreendo a mentalidade da juventude!

EUSTAQUIO — Basta de escândalos! Cale-se! (Ameaçador) E aí de você se tocar mais uma vez em Cidinha!

ZULEIKA — Eu não podia proceder de outro modo: sua filha acaba de beijar, diante de mim, um homem casado!

CIDINHA — Eu ignorava que você estivesse me espiando, de madrugada, atrás das portas. Eu nunca o beijaria intencionalmente diante de você.

ZULEIKA — Sua filha está secretamente noiva de um homem casado. Ela mesma me confessou. Você aprova essa conduta?

EUSTAQUIO — (A Cidinha) Espere! Mas esse homem não é o Mário Siqueira?

CIDINHA — (A Eustáquio, com uma expressão engraçada de entendimento) É o Mário. Esse barulho todo por causa do Mário. Você já viu?

EUSTAQUIO — (A Zuleika) Essa é boa! Pois Mário Siqueira é o nosso futuro genro, ouviu? Está se desquitando de uma histérica, como você, e vai se casar com Cidinha no México.

ZULEIKA — Tomarei nota da histérica. É uma palavra que faço questão de lembrar.

EUSTAQUIO — É isso mesmo. Eduarda também não acompanha o marido às festas, não participa da evolução da família e depois fica atormentando a vida de todo mundo! Vocês são umas suburbanas!

ZULEIKA — Suburbanas... Muito bem. E você criou Cidinha para um arranjo dessa espécie!

EUSTAQUIO — Criei Cidinha para ser fe-

liz de acôrdo com o seu tempo. Mário vai ser meu sócio: E um homem distinto, um excelente partido.

ZULEIKA — Percebi. Uma aliança comercial. Mário vai cruzar a fortuna dele com a sua, vamos ter mais dinheiro, muito mais dinheiro. É triste dizer, mas, há 5 anos atrás, você daria a essa transação um nome: vender a filha!

CIDINHA — Mamãe!

EUSTÁQUIO — Zuleika! Você está louca! (Zuleika deixa-se tombar numa poltrona. Ouve-se duas vozes, de homem e de mulher, cantarolando em inglês. Abre-se a porta envidraçada e entram Peggy e Beto. Ambos estão alegres, beberam a conta certa, estão eufóricos e lúcidos. Todos desmancham suas atitudes graves e olham para a porta do hall. Zuleika está assombrada.)

BETO — (Olhou para a família e fecha a porta). Oba! A comissão de recepção hoje está completa! (A Peggy que se deteve, tímida) Vá entrando, Peggy. A casa é nossa! Good morning, minha gente. Eu trouxe a garôta para pegarmos um bom break fast. (Cidinha olha Peggy).

CIDINHA — Oh, Peggy! Que surpresa agradável! (Beijam-se) Vamos fazer o break fast todos juntos, não vamos papai?

EUSTÁQUIO — Claro! (Aperta a mão de Peggy) Welcome Peggy!

PEGGY — (Com forte sotaque inglês) Vocês são todos uns amores.

BETO — Mamãe, esta é Peggy, a minha amiguinha americana. (Gesto) Minha mãe...

PEGGY — Muito prazer, dona... dona... (Beto já beijou Eustáquio e Zuleika na frente, com a displicência da rotina familiar).

ZULEIKA — Zuleika!

PEGGY — (Com dificuldades) Zuleika... Zuleika...

ZULEIKA — (Severa) Miss Peggy não repare estas minhas roupas, eu não esperava visitas a esta hora. (Aperta três vezes o botão elétrico).

BETO — Peggy não repara nada, mamãe. Se você se vestir de escafandro ou EVA antes da tentação da serpente, para ela é a mesma coisa. Peggy é uma verdadeira artista.

PEGGY — Please... Beto!

ZULEIKA — Escritora?

CIDINHA — Escritora, nada!

EUSTÁQUIO — Peggy, você não deve se sentir diminuída na sua celebridade, por esta pergunta de minha mulher. Zuleika não vai a lugar algum. (A Zuleika). Peggy é a 1.ª girl do Carlos Machado, a Rainha do Rock'n Roll acrobático.

ZULEIKA — (Com discreta ironia) Ah, a Rainha do Rock'n Roll acrobático! Desculpe srta. Peggy, eu disse escritora por palpíte, sem refletir...

BETO — Se Peggy não estivesse tão estrompada, eu mandava ela meter umas piruetas para mamãe ver.

CIDINHA — Coitada de Peggy. Logo hoje que ela trisou todos os números. Que delírio na buate, hein Betinho?

PEGGY — Vocês vão continuar assim a me jogar confetes?

BETO — Confetes, uma história! Mamãe, você precisava ver os números de Rock de Peggy. E na apoteose, quando ela aparece quase nua, com uma fôlha de begônia na frente e outra atrás, e uma em cada seio, só a entrada dela é um abafa! Não sei se você sabe que Peggy foi a sereia de Punta del Este.

ZULEIKA — Não sabia, mas vejo que o juri de Punta del Este soube fazer justiça. (Irônica).

Ainda há juizes em Punta del Este (Eustáquio e Cidinha se entreolham sentindo o veneno da frase.)

PEGGY — Oh, dona Zuleika, muito obrigada. ZETO — Mas, para mim, o número melhor de Peggy é o "Quero me desmanchar no Harlem".

ZULEIKA — (Assombrada) Quero o que?

BETO — "Quero me desmanchar no Harlem", mamãe. Harlem é o bairro dos negros em Nova York, o ninho do jazz, do swing... Morou?

ZULEIKA — Sim, sim, compreendi. Uma espécie de Bayreuth, a cidade wagneriana.

BETO — Wagneriana? É isso... É isso!

EUSTÁQUIO — Você tem razão, Beto! "Quero me desmanchar no Harlem" é a coroa de gloria de Peggy. Você não é dessa opinião, Cidinha?

CIDINHA — Mas, claro, papai! Quando Peggy dança aquele número eu sinto uns arrepios na espinha, e fico com vontade de gritar, parece que vou ter uma coisa.

ZULEIKA — Deve ser uma dança realmente sobrenatural. As danças que eu vi na minha vida, eram muito vulgares e chegaram apenas a me provocar umas sugestões banais de beleza.

BETO — É que você só viu bailados clássicos, mamãe. Coisa gozada! Aquêles mocinhos delicados querendo ser pássaros, batendo asas para voar e não voando; aquelas malucas não querendo sujar as solas dos sapatos e machucando a noite toda as unhas dos pés... Qual! (Imitou as bailarinas e os bailarinos grotescamente).

CIDINHA — É isso mesmo, Betinho! (Todos riem, menos Zuleika, que se mantém digna e com certa ironia no olhar).

ZULEIKA — Vocês devem estar com muita fome e dia claro.

BETO — E você, mamãe!?

ZULEIKA — Acabei agora mesmo de comer. Está ali ainda o carrinho, vê? Tenha a bondade, srta. Peggy.

PEGGY — Oh, não me chame de srta, me chame de Peggy apenas. Eu gosto mais.

BETO — E, mamãe, vá perdendo a cerimônia com Peggy. Allás, temos muito que conversar sobre ela. Mas com calma. (Passa o braço na cintura de Peggy e beija-a na frente). Não é mesmo, darling? (Há um ligeiro embaraço de Eustáquio e Cidinha, que se consultam com o olhar e esmiam para Zuleika).

ZULEIKA — (Friamente) Por aqui, srta. Peggy. (Frisa o srta.) (Saem Peggy, Cidinha, Zuleika e Eustáquio nessa ordem) (Desce a escada Eulália já vestida. Eulália observa a comida no carrinho, depois corre os olhos pela sala e vai abrir a grande janela ou as janelas. É dia claro. Vê-se sol. Entra Zuleika).

EULÁLIA — Você rodando ainda pela casa?

ZULEIKA — Mamãe: você sabe quem está lá dentro, devorando ovos com "bacon", e recebendo as homenagens de toda a família reunida?

EULÁLIA — A esta hora, quem poderá ser?

ZULEIKA — Faça de conta que você ficou doída e invente uma pessoa.

EULÁLIA — (Pensa) Aquêles beberrão amigo do Betinho?

ZULEIKA — Apenas isto: uma corista, chamada Peggy, Rainha do Rock'n Roll acrobático!

EULÁLIA — Rainha de que?

ZULEIKA — Do Rock'n Roll acrobático.

EULÁLIA — Peggy... Ah, agora me lembro: é uma que dança quase nua e que foi sereia no Uruguai. Vi o retrato dela no... nas revistas.

ZULEIKA — Pois esta celebridade é íntima de Cidinha, do Eustáquio, e parece que está quase noiva de Betinho. Estou ameaçada de ser sogra da Rainha do Rock'n Roll acrobático! Compreendeu bem? De levar meu filho pelo braço entre duas filas de girls e boys de revistas...

EULÁLIA — Isso também, não. Betinho namora as dançarinas de todas as boites. Elas já chegam do estrangeiro com carta para ele. Ele é uma espécie de cônsul geral das girls no Brasil, me disseram. (Entra Eustáquio).

EUSTÁQUIO — (Irritado) Ao menos você poderia fazer um pequeno esforço para salvar as aparências. Peggy deve estar magoadíssima!

ZULEIKA — Oh, a grande dama!... Eu agora vou pedir o protocolo ao Itamarati para receber as girls do Carlos Machado! Uma coisa apenas eu preciso saber: você acha que Peggy é companhia para Cidinha? Você acha natural essa promiscuidade?

EUSTÁQUIO — Que promiscuidade?! Peggy trabalha honradamente para viver. A bailarina e uma trabalhadora tão respeitável como a dançarina... ou a cateirauca de moral...

ZULEIKA — Sobretudo quando dança nua em cabarés, não acha?

EUSTÁQUIO — Não digas tolices, Zuleika. A praia está cheia de mulheres distintíssimas que se põem nuas por simples diletantismo, gratuitamente. E mulheres que nem se menos suaram para comprar um maillot...

ZULEIKA — Toque o realejo todo, toque!

EULÁLIA — Pchiul! Vocês não estão falando alto demais? Ela acabará ouvindo.

EUSTÁQUIO — Não há perigo: estão sentados no bar da piscina. (A Zuleika) Agora diga: quem é a mãe dela?

ZULEIKA — Vocês já me disseram: a sereia de Punta del Este.

EUSTÁQUIO — Ai é que está. Eu vi o diploma de arquiteto que Peggy tirou, tenho o álbum das suas construções na Califórnia. Peggy quis viajar e resolveu custear a viagem aproveitando seus conhecimentos da dança. Naturalmente, se ela não dançasse e aparecesse aqui ao: beijos com o financiador da sua viagem, dizendo-se uma casadinha em lua de mel, você até organizaria uma recepção de velhas puritanas, em sua homenagem...

EULÁLIA — Vocês precisam acabar com essas discussões. Assim vocês vão mal, muito mal.

ZULEIKA — Eu lamento que os empresários não publiquem as biografias das suas girls. A reputação de nossos filhos lucraria bastante com isso.

EUSTÁQUIO — Zuleika: eu fiz todas as tentativas possíveis para colocar você dentro do seu tempo. Até lhe ofereci... um avião de turismo para seu uso particular. Mas vejo que foi tudo inútil.

ZULEIKA — Talvez eu preferisse um bonde particular. Você participou o noivado secreto de Cidinha a mamãe? Ela ainda não sabe a espécie de casamento que vai fazer Cidinha.

EUSTÁQUIO — D. Eulália sabe e D. Eulália é humana, é compreensível.

ZULEIKA — Você sabia, mamãe?

EULÁLIA — (Depois de hesitação). Sabia.

ZULEIKA — Então...

EULÁLIA — Minha filha...

ZULEIKA — (Inquisitorial). Então você sabia?

EULÁLIA — Cidinha precisava se abrir com alguém nesta casa.

ZULEIKA — E você está de acordo com eles, não?

EULÁLIA — Minha filha, a gente precisa acompanhar o mundo! E, depois, você quer saber de uma coisa? Eu estou cansada desses bate-bocas diários. Eu volto esta semana mesmo para a fazenda! (Eulália sobe a escada, decidida. Entra apressada Cidinha).

CIDINHA — Papai, Peggy está fazendo umas panquecas de queijo para nós. Venha depressa. Panqueca fria é horrível!

EUSTÁQUIO — Vamos lá, Cidinha. Uff! Que inferno as madrugadas nesta casa!

CIDINHA — (Com polidez fria) Peggy perguntou por você, mamãe. Você vem? (Eustáquio vai saindo).

ZULEIKA — Estou muito cansada! Vou ver se consigo dormir um pouco.

CIDINHA — Está bem. (Vai sair).

ZULEIKA — Cidinha!

CIDINHA — Mamãe?

ZULEIKA — Você está sentida comigo, não está? (Aproxima-se dela e acaricia-lhe os cabelos) Eu fui muito brava... reconheço...

CIDINHA — (Fria, de olhos baixos). Isso já passou, mamãe.

ZULEIKA — (Conduzindo-a ao sofá e fazendo-a sentar-se) Você tem certeza de que eu estou sofrendo muito com o que fiz, não tem, Cidinha?

CIDINHA — Mamãe, não vamos falar mais nisso.

ZULEIKA — Sim, eu não falarei mais. Diga que me perdoou.

CIDINHA — Perdoei.

ZULEIKA — (Com a cabeça de Cidinha encostada no seu peito) Eu soube tudo diferente, Cidinha... Mas a culpa não é sua... Eu devia ter acompanhado você, mesmo sem gostar da sociedade... Com um pequeno sacrifício eu não teria deixado crescer essa barreira entre a minha vida e a sua... Deus castigou meu comodismo. Você mesma me dizia antes, que queria um casamento bem bonito, lembra-se? Com marcha nupcial, não com bolero mexicano...

CIDINHA — (Querendo chorar) Lembra-me, mamãe.

ZULEIKA — A Igreja seria a de Nossa Senhora da Glória. Fizemos juntas a lista das "demoiselles d'honneur"... Maria Antonia... Celia, Roberta, eram umas dez garotas, todas bonitas... O padre seria Frei Rosauero, seu confessor...

CIDINHA — (Que contivera o pranto, soluça descontroladamente) Mamãe... eu fiz tudo... para deixar de gostar de Mário... eu fiz tudo! Você não acredita?

ZULEIKA — Acredito, Cidinha. Você foi sempre uma menina sensata...

CIDINHA — Aconteceu não sei como... No começo eu tinha pena de Eduarda, tinha vergonha de mim! Depois... pelo amor de Deus, mamãe, me ajude! Eu não quero casar assim! Eu não quero!

ZULEIKA — Está bem, Cidinha, mas não fique nervosa. Nós lutaremos juntas agora, eu prometo. (Beija-a) Eu prometo que você será feliz. Enxugue depressa os olhos, vamos! Eles não precisam ver que você chorou. (Vão caminhando para a porta. Entra Eduarda, com um "tailleur" sóbrio, o rosto quase sem "maquillage", simples, bela mas sem detalhes que o coquetismo e a vaidade procuram.

EDUARDA — (Apa.ecendo) Eu sou Eduarda, a mulher de Mário Siqueira. (Pausa). Não te-

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226-0242 - CEP 90020-025

nha medo de mim, menina. Fique. Eu gostaria de conversar com você também.

ZULEIKA — Não fique, Cidinha! Vá depressa para o seu quarto! (Cidinha sai depressa).

EDUARDA — Eu fui entrando antes que sua criada tivesse tempo de me anunciar.

ZULEIKA — (Rispida) Que deseja, afinal?

EDUARDA — Fique tranquila, não venho fazer escândalos. (Pausa) Pode confiar em mim. Posso sentar-me?

ZULEIKA — (Secamente) Sente-se.

EDUARDA — Obrigada. (Pausa) Pensei que hoje também me faltasse coragem de entrar. Quantas madrugadas eu rondei esta casa sem coragem de entrar!

ZULEIKA — A senhora ronda esta casa de madrugada?!!

EDUARDA — É a hora em que nossos maridos e sua filha se deitam. A esta hora eles devem ter o sono pesado. (Pausa) Deixe-me descansar um pouco. Meu coração está querendo saltar do peito. (Pausa - Corre os olhos pela sala).

ZULEIKA — Então, tem rondado a nossa casa de madrugada! Com que intuito?

EDUARDA — Nada de mais. Eu sei que a senhora também não dorme como eu: essa luz sempre acesa, durante a noite, me dá certo consolo.

ZULEIKA — (Com certa emoção) É verdade: eu também não durmo.

EDUARDA — A senhora nem sonha com isso, mas muitas vezes, eu cheguei a fechar a mão para bater no vidro d'aquela janela. Eu tinha certeza: nossos corações se entenderiam se eu batesse; mas não tive coragem. O sofrimento

ZULEIKA — (Com certa emoção) É verdade: eu também não durmo.

EDUARDA — A senhora nem sonha com isso, mas muitas vezes, eu cheguei a fechar a mão para bater no vidro d'aquela janela. Eu tinha certeza: nossos corações se entenderiam se eu batesse; mas não tive coragem. O sofrimento

ZULEIKA — Tem razão. Quer tomar alguma coisa? Não faça cerimônias.

EDUARDA — Muito obrigada. Eu comi antes de sair. (Pausa) Conhece a minha vida, não conhece?

ZULEIKA — Estou mais ou menos informada.

EDUARDA — Meu marido e o seu enriqueceram sem esperar, de repente, na mesma época. Sabia?

ZULEIKA — Sabia. Somos novos ricos da formação recente. Avenida de apartamentos e terrenos; incorporações de edifícios na Avenida Atlântica e na Esplanada do Castelo. Somos do ciclo do cimento armado, aristocracia da tabela Price. (Ri com amargura).

EDUARDA — Exatamente: aristocracia da tabela price. Eu nunca me iludi, porém: os homens gostam de ter uma mulher nova para cada etapa financeira da sua vida. Mil contos, uma mulher. Dois mil contos, outra mulher. Dez milhões de cruzeiros outra mulher!...

ZULEIKA — Uma nova mulher e um novo automóvel. E a escala é esta: a esposa do tempo do ônibus já não serve para o Fiatzinho pulga, a do Fiatzinho pulga já não serve para o Ford, a do Ford já não serve para o Jaguar. Para infelicidade nossa, os dois melhores Cadillacs do Brasil são hoje de nossos maridos!

EDUARDA — É exato: nossos maridos passaram bruscamente do Fiatzinho pulga para o Cadillac: saltaram sobre, pelo menos, três mulheres e três carros intermediários. Mas eu tenho uma compreensão exata do tudo: nem sua filha, nem Solange tem a menor culpa. O mundo ficou assim.

ZULEIKA — Solange? Que Solange?

EDUARDA — Solange Matoso, a noiva secreta de seu marido.

ZULEIKA — Noiva secreta de meu marido?

EDUARDA — Como! Não sabia? Será que cometi uma "gaffe"?

ZULEIKA — Oh, sim, sabia! Eu apenas estranhei esse novo tipo de noivado. Conhecia por outro nome. Quem vem a ser, afinal, esse noivado secreto, que não é segredo para ninguém?

EDUARDA — Eu também não frequento a sociedade, mas acompanho de longe. O noivado secreto é uma espécie de chance oferecida, cavalheirescamente, pelo marido, à esposa candidata ao abandono.

ZULEIKA — "Chance"?

EDUARDA — Sim, em plena luta de consciência, sem coragem de pedir o desquite, o marido tenteia as duas, esperando que a esposa legítima também arranje um noivo secreto ou enlouqueça ou — melhor ainda — morra, legalizando a nova situação. (Abre a bolsa) Olhe aqui. (Mostra um pequeno revólver) Eu quase ia na onda e deixava o Mário vivo.

ZULEIKA — (Arrebatando-lhe o revólver) Você está doida, Eduarda! Enriquecer para andar de revólver na bolsa! Revólver é coisa de pobre!

EDUARDA — Oh, não tenha receio. Essa fase negra já passou. Eu hoje quero viver, quero lutar, quero reaver o que me pertence. Mas eu quero fazer isso sem provocar escândalo, entende? Sem causar sofrimentos. Mário me repete sempre: em sociedade, ninguém berra, ninguém se descabela, ninguém chora. Eu quero reconquistar minha felicidade sem parecer mal educada, como uma senhora de classe. Está me ouvindo?

ZULEIKA — Perfeitamente. Continue.

EDUARDA — Eu vim aqui, Zuleika, porque sei que você só pega no sono com calmantes, como eu; porque sei que você é boa e justa como eu. Se você me ajudar, nem Cidinha, nem Mário, nem você, nem Solange sofrerão, e tudo voltará, silenciosamente, ao seu lugar. Eu sei que você é muito inteligente.

ZULEIKA — Quem lhe disse isso?

EDUARDA — Minha espionagem.

ZULEIKA — Pois sua espionagem estava completamente enganada. Só hoje, há meia hora, deixei de ser uma idiota completa. Eduarda, vá para casa, e não pense mais em nada.

EDUARDA — Mas... assim com combinamos um plano definitivo?

ZULEIKA — Eu já tenho o plano. Vá para casa e deite-se. Eu também vou me deitar. A partir de hoje, juro, nós vamos dormir como cães dormem, um sono de inocentes.

EDUARDA — E como faremos? Você me telefona?

ZULEIKA — Telefone. Lá pelas seis horas da tarde, a hora em que os nossos grã-finos estão começando a viver, chamarei você. (Cidinha aparece no alto da escada e acompanha, sorratamente, a cena).

EDUARDA — Então eu vou. Confio cegamente em você, Zuleika. Adeus. (Beijam-se) Bem o coração me dizia para entrar nesta casa.

ZULEIKA — Ora, nem sempre o coração é inútil... mesmo no mundo de hoje. Adeus, Eduarda. (Acompanha-a até o hall. Cidinha vem descendo, devagar, a escada. Zuleika entra e se encontram).

CIDINHA — (Com voz estrangulada) Ela já foi?

ZULEIKA — Já. Mas por que esse pavor todo? Eduarda seria incapaz de fazer mal a uma mosca.

SOCIETY EM BABY DOLL

CIDINHA — Você está enganada, mamãe. Eu nunca disse nada a ninguém, mas ela já me ameaçou de morte.

ZULEIKA — Ameaçou de morte?! Eduarda?!

CIDINHA — Sim, essa Eduarda que você acabou de beijar com tanto carinho. Aliás, você me desculpe, mas eu não entendi essa amizade repentina.

ZULEIKA — Mas Eduarda ameaçou você de morte?

CIDINHA — Sim: pelo telefone, uma vez, logo no princípio. Quando ela abria a boca, ainda há pouco, reconheci logo a voz.

ZULEIKA — Ela disse que a mataria?

CIDINHA — Disse: "Se você insistir nesse namoro com Mário, eu lhe darei um tiro para matar. E frisou bem: "quem fala aqui é Eduarda, a mulher legítima dele".

ZULEIKA — Qualquer mulher pode fazer isso, num dia de desespero. Ela voltou a ameaçar?

CIDINHA — Nunca mais.

ZULEIKA — Viu? Foi um momento de desespero. (Puxa o revólver do bolso do "tubo" onde o ocultara)

CIDINHA — Que arma é essa?!

ZULEIKA — O revólver de Eduarda. Ela veio depôr as armas.

CIDINHA — Mamãe, tome cuidado: Eduarda entrou aqui com alguma idéia sinistra.

ZULEIKA — (Abraçando a filha) Cidinha, há pouco você disse que confiava em mim. Já perdi a sua confiança, tão depressa?

CIDINHA — Não, mamãe. Mas essa mulher, dentro de nossa casa, não me parece de bom agouro.

ZULEIKA — (Beija-a) Eu sei o que faço, menina.

CIDINHA — Ela deve me odiar, e tem boa razão para isso.

ZULEIKA — Você acha que ela tem razão?

CIDINHA — (Depois de pausa) Acho.

ZULEIKA — (Separando-se com displicência) Bem, bem... Esta noite não foi das mais insipidas. (Boceja) Que sono, meu Deus! E olhe que eu não tomei comprimido.

CIDINHA — Vá se deitar, mamãe. Hoje eu não tenho nada no meu "carnet", quando você se levantar, conversaremos melhor.

ZULEIKA — Ótimo. E, se Deus quiser, eu hoje vou dormir um sono só... (Entra Peggy, com um prato onde estão as panquecas, o garfinho e a faca).

PEGGY — Se você quiser as suas, Cidinha, vá lá dentro. Essas eu trouxe para Dona Zuleika.

CIDINHA — Prove, mamãe. Peggy faz essas panquecas como ninguém.

PEGGY — Oh, talvez tenham saído mal! Foram tão anunciadas! (Vitrola toca lá dentro).

ZULEIKA — Porque se incomodam! Você foi muito gentil. (Toma, com sagacidade) Deliciosas, Peggy, deliciosas! Palavra, nunca comi tão boas! Peggy, você merece um beijo! Kiss-me, darling. (Beija-a).

PEGGY — A senhora é um amor, dona Zuleika!

ZULEIKA — Estou tão alegre hoje! Tenho até vontade de dançar. (Abraça Peggy e começa a dançar, rindo às gargalhadas) Você vai me ensinar o rock'n roll, não vai? (Entra Eustáquio).

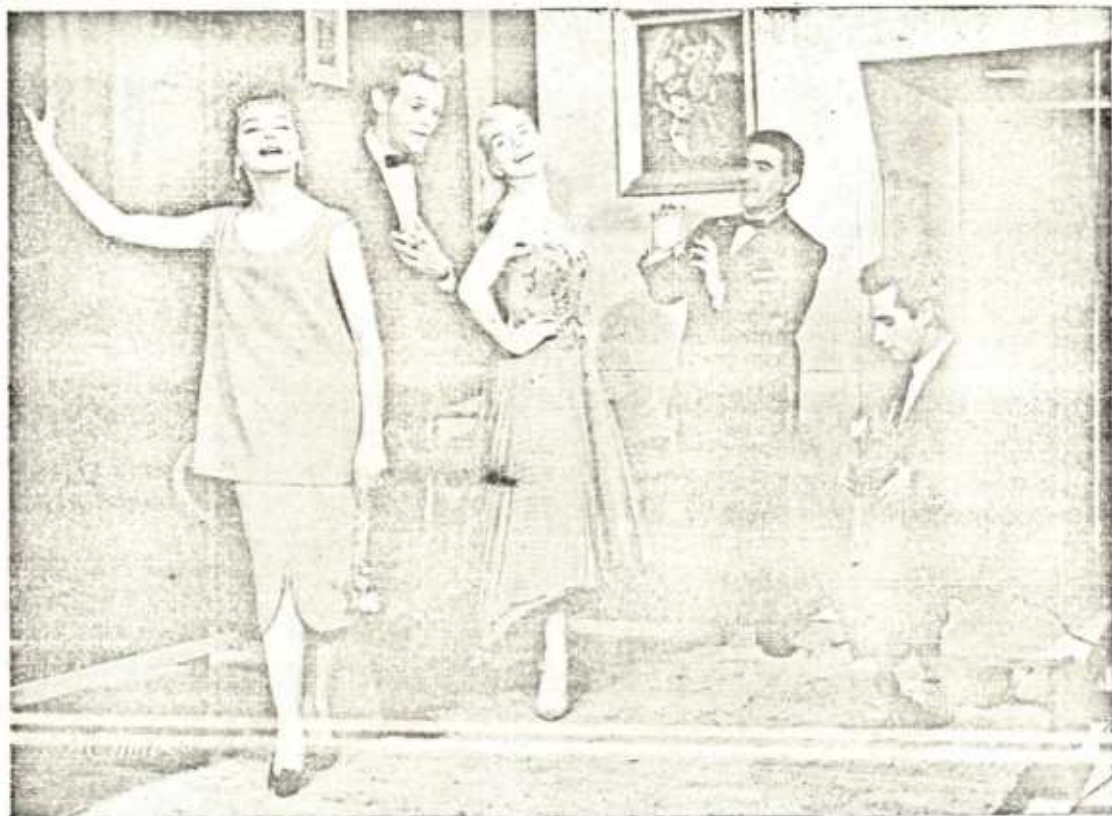
EUSTAQUIO — (Bestificado) Oh! (Entra Betinho).

BETINHO — Mete o archêtipo, mamãe, mete o archêtipo.

PANO RÁPIDO



2.º ATO



Uma das cenas capitais deste ato, interpretada por Aracely de Oliveira, Milton Moraes, Evelin Barré, Ed. Castro e Milton Luiz.

O mesmo cenário do ato anterior, três meses depois. A ação começa de noite. Quando abre o pano, está em cena Eduarda, num maravilhoso vestido de baile. Deve ser bem visível a sua transformação em grã-fina perfeita. Ela examina o rosto no espelhinho de bolso e retoca a maquiagem. Entra Zuleika, também num extraordinário vestido e com um penteado moderníssimo que lhe dá um ar requintado de grande dama.

**ZULEIKA** — Querida, você me perdôe!... O cabeleireiro demorou tanto a retocar o meu penteado. (Beija-a).

**EDUARDA** — Meu bem, eu vim mais cedo, conforme você me pediu. (Beija-a).

**ZULEIKA** — Fêz bem. Precisamos conversar muito antes que cheguem os outros. (Examina-a, tomando distância) Eduarda, você está chiquíssima, está um amor! Esse é o modelo de Jacques Fath?

**EDUARDA** — Não: este é o de Robert Piguet. E o seu?

**ZULEIKA** — O meu é de Carven...

**EDUARDA** — Maravilhoso, Zuli, maravilhoso!

**ZULEIKA** — Eu estou com uma verdadeira coleção de Carven. Emanuele, Vittorio,

Maria, Santa Croce, Conde de Torano, meu "flirt", acha que eu tenho a silhueta de Carven. (Ri) Meu Deus, como é fútil o Conde de Torano. Parece limonada purgativa, doce e enjoativo.

**EDUARDA** — Não me fale! O meu "flirt" o Conde Svedinham também é insuave! Mete-se até com a marca dos meus sais de banho.

**ZULEIKA** — (Rindo) Ótimo! Arranjamos os flirts que nos convêm. Homens pouco ardentes, talvez pitônicos, mas conselheiros mundanos de 1.ª ordem. Aliás você viu, com muito dinheiro, coragem de gastar e uma rival moça rondando o nosso marido, não é difícil se tirar o curso completo de grã-fina.

**EDUARDA** — É isso mesmo! Mas eu vou lhe fazer uma revelação, Zuleika: eu estou adorando esta vida.

**ZULEIKA** — Aqui, que ninguém nos ouça: se me tirassem agora dessa vida, eu morreria como um peixinho fora d'água. Não me perdoe os anos perdidos.

**EDUARDA** — Nem eu. Hoje dei uma aula dupla de francês. Madame Blanche está animadíssima comigo.

**ZULEIKA** — Apure bem o seu francês. Eduarda, O francês é uma língua incomparável. Assenta com qualquer vestido. Mas vamos tratar dos nossos casos. Você conseguiu o cimento de que



seu marido precisava para as obras do hospital da Lagoa?

EDUARDA — Consegui. Falei ao secretário do ministro, em seu nome, e ele me atendeu logo.

ZULEIKA — E Mário?

EDUARDA — Mário ficou visivelmente tonto com o meu prestígio, mas não teve coragem de me agradecer verbalmente. Mandou-me um clip de brilhantes dentro de uma caixa de orquídeas...

ZULEIKA — Esplêndido! Uma coisa nós precisamos desenvolver ao máximo. E esse nosso prestígio em certos ministérios...

EDUARDA — Você acha?

ZULEIKA — É evidente. Nossos maridos andam com a paranóia dos negócios, estão com mentalidade inflacionária, devem, por força, se impressionar vendo as ex-namonhas das suas mulheres guindadas a "pistolão" de ministros.

EDUARDA — Eu confio cegamente em você, Zuleika. Está dando tudo tão certo!

ZULEIKA — Outra coisa: o advogado de Mário tomou a iniciativa para você aceitar o desquite amigável!

EDUARDA — Não. (Hesita) Zuleika, eu fiz uma coisa sem consultar você e estou com medo de ter feito alguma bobagem.

ZULEIKA — Que foi?

EDUARDA — Na semana passada, eu dansei a noite toda com meu flirt no Country, e fiz um grande esforço para me mostrar bem apaixonada por ele diante de Mário.

ZULEIKA — A tática é antiga como Adão e Eva, mas ainda dá bons resultados. Os homens são capazes de voltar a amar qualquer mulher... por simples amor próprio...

EDUARDA — Já decidiu. No dia seguinte fiz força para conseguir o tal cimento, e, depois do cimento entregue, telefonei para o advogado declarando-me disposta a assinar imediatamente a petição de desquite.

ZULEIKA — Ótimo, Eduarda, perfeito! Você não imagina como esse cimento reforçou as bases da sua vida conjugal. Você mostrou a Mário duas coisas ao mesmo tempo: que era importante e que era generosa. Você usou de influência para ajudar um homem aparentemente posto à margem de sua vida. Meus parabéns. Um golpe de mestra!

EDUARDA — Golpe de mestra, eu sei, mas fiquei com um medo, depois! E se ele tivesse mandado logo a petição para eu assinar?

ZULEIKA — E diga: você não notou ainda se Mário está começando a ter ciúmes? (Pausa) Uns sinalzinhos indiretos, uma certa irritação sem causa declarada...

EDUARDA — Irritado ele anda, e muito, mas é sempre contra gente de fora de casa. Os engenheiros das suas obras, o tratador de seus cavalos no Jockey, o fornecedor de whisky...

ZULEIKA — Mas ele esbraveja somente quando você sai sem lhe dar satisfação, não é assim?

EDUARDA — Curioso, só agora reparei nisso... É quando eu saio sem tomar conhecimento dele.

ZULEIKA — Reações indiretas. São as piores. E o fumo? Ele está fumando mais do que fumava antes da sua virada?

EDUARDA — Ah, isso está: parece Pai de Santo defumando o terreiro. O homem emenda cigarro com cachimbo, cachimbo com charuto, parece que quer me liquidar lançando contra mim gases de nicotina.

ZULEIKA — Eduarda, me dá um beijo. (Beijam-se) Tudo corre às mil maravilhas, scivlando como diria o conde de Torano.

EDUARDA — Você tem certeza? Eu, às vezes, fico tão desorientada.

ZULEIKA — Ponho a mão no fogo. Eustáquio está assim mesmo. Para não estourar comigo, ele ladra para a lua de cigarro na boca. E depois, a prova do cinzeiro não falha. Os homens fumam desabaladamente quando se sentem muito felizes ou quando se sentem muito desgraçados. Olhe: eu sei pelos cinzeiros quando Eustáquio está me enganando com sucesso ou sem sucesso.

EDUARDA — Formidável! E as cartomantes ainda procuram saber essas coisas botando cartas... (Noutro tom) Escute: você acha que o caso de seu marido com Solange está esfriando?

ZULEIKA — Solange? Minha filha, depois que eu me fiz amiga íntima de Solange, para te-la o dia todo debaixo das unhas, eu me sinto segura como uma gata brincando com um camundongo. Essas garotas, no fundo, são ótimas, e só assustam se a gente fica de longe, entregando-lhes o marido sem luta.

CIDINHA — (Dos bastidores) Mamãe! Roberto está chamando!

ZULEIKA — (Meia voz) É Cidinha! Seja bem inteligente, hein? (Entra Cidinha).

CIDINHA — (Meio encabulada) Mamãe, o Roberto já acabou com a decoração dos vasos dos consolos e quer que você veja.

ZULEIKA — Ficou bem?

CIDINHA — Eu achei lindo. Boa tarde, D. Eduarda.

EDUARDA — Boa tarde, Cidinha.

ZULEIKA — Conversei um pouquinho com Eduarda, ouviu, Cidinha: (Zuleika pisca o olho para Eduarda e sai. Cidinha senta-se, deixando perceber seu constrangimento).

EDUARDA — (Para quebrar o gelo) Gostei muito daquela reportagem que fizeram com você na reportagem brasileira de "Harper's Bazaar". No retrato em cores você está esplêndida.

CIDINHA — É verdade. Todos me disseram. (Silêncio incômodo).

EDUARDA — Muito natural... muito juvenil... (Pausa) Cidinha, eu tenho feito tudo para acabar com esse seu constrangimento. Porque isso, meu bem? Não há mais nenhum motivo. Eu estou amando outro homem, quero reorganizar minha vida o mais depressa possível. Eu hoje tenho por sua mãe uma estima de irmã. Porque não havemos de ser boas amigas?

CIDINHA — A senhora tem motivos para me odiar. A senhora não me suporta.

EDUARDA — Eu? Olhe, Cidinha: agora, a maior interessada nesse desquite, sou eu. A demora do advogado de Mário em me mandar a petição é que está me aborrecendo seriamente. Eu não compreendo essa demora!

CIDINHA — (Denuncia sua surpresa mais com o rosto do que com um anasalado) Ahn... Ahn...

EDUARDA — Estou contrariadíssima. Meu futuro marido é europeu, sabe? Mora em Paris, mas tem vilas em Nice e em Capri. Você não acha um absurdo eu ficar mofando aqui, nessa insipidez?

CIDINHA — (Para dizer alguma coisa) É... tem... razão...

EDUARDA — Mário é um encanto de marido, é verdade, mas se preocupa demais com os negócios. Eu agora quero viver ao lado de um

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-1

homem bem frívolo, de uma criança grande, despreocupada e brincalhona como Pierre...

CIDINHA — Pierre? Pierre de que, se não é indiscreção?

EDUARDA — Pierre de Marsac. Marquês Pierre de Marsac. É de uma grande família do tempo de Luiz XV. Veio com a guerra e vive um mês do ano no Brasil. Porque comprou muita terra no Paraná. Que homem interessante! É solteirão. Você imagina o que representa para uma pobre mulher sem pretensões amorosas como eu, a conquista de um milionário solteirão e interessante como Pierre?

CIDINHA — Deve ser muito agradável, D. Eduarda!

EDUARDA — Ah, é uma sensação de vitória pessoal deliciosa, eu nem saberia descrever. Um homem disputadíssimo como Pierre, escapando das ciladas do amor em todos os grandes centros grã-finos do mundo, para prender seu destino ao de uma obscura moça brasileira. É preciso lembrar, Cidinha, que Pierre foi "flirt" de uma Bourbon na Espanha, de uma Savoia na Itália, de uma Murat na França, que esteve quasi noivo de uma Vanderbilt e de uma Rotchilde, nos Estados Unidos.

CIDINHA — Que interessante! Parece um amor de romance, D. Eduarda!

EDUARDA — Você tem razão: quando isso acontece nos romances a gente acha inverossímil, pensa em contos de fadas... Então, Cidinha, vamos ficar boas amigas?

CIDINHA — A senhora não tem mesmo raiva de mim?

EDUARDA — Tolinha! A vida é assim mesmo. O amor eterno foi invenção de alguma mulher muito feliz. Nos romances de ficção, você com Mário, eu com Pierre. Então... Amigas... não é?

CIDINHA — Sim, D. Eduarda.

EDUARDA — Você é um encanto, Cidinha!... (Beija-a, entra Mário pelo hall aberto e ainda surrindo a beija de Eduarda em Cidinha)

MÁRIO — Boa tarde, Cidinha.

CIDINHA — Boa tarde, Mário. Com licença, sim? (Cidinha sai).

EDUARDA — Você está com jeito de quem se aborreceu muito... lá fora...

MÁRIO — (Exaltado) Claro! Ninguém mais pode trabalhar assim, com esse sistema de promessas e mentiras!

EDUARDA — Que foi? Está faltando outra vez cimento? Se é cimento, não faça cerimônias. Eu falo com meu amigo ministro.

MÁRIO — Cimento o quê? É financiamento! A gente combina dar a comissão, aceita ser roubado, aí eles botam uma pedra em cima do processo e começam a extorquir mais dinheiro...

EUSTAQUIO — (Já entrou, tirou um charuto do bolso, ofereceu outro a Mário, fumam nervosamente) Realmente, isso precisa acabar, Mário, mas você está se excitando toa. Quando foi que nós conseguimos financiamento de outra forma? Não se afobe: está provado, o negócio dá para todos folgadoamente.

MÁRIO — Mas eu estou cansado, compreendeu? Cansado. Não se dá mais um passo sem esbarrar num explorador! Todos querem ser nossos sócios sem capital, com participação adiantada nos lucros. É uma vergonha. (Entra Zuleika que ouviu parte da frase).

ZULEIKA — Uff! Que fumacelra! Sufoca-se! Que foi, Mário? É outra vez o cimento? Eduarda pode arranjar mais uma partida de cimento.

MÁRIO — Que cimento! Você pensa que agora nós só vivemos de cimento?

EDUARDA — (Insensível) Não é cimento, Zuleika, é financiamento. Mário hoje se aborreceu muito... com os financiadores...

ZULEIKA — (Intencional) Ah, com os financiadores... Mas você está excitado, hein, Mário?

EUSTAQUIO — Mário precisa descansar. Ele anda uma pilha de nervos.

EDUARDA — Também acho. Não sei porque Mário não aproveita a estação e não vai para Bariloche. Bariloche está cheio de brasileiros nesta época.

EUSTAQUIO — Eu tomo conta de todos os negócios da empresa. Você pode ir tranqüilo, Mário.

MÁRIO — Pois eu não vou para Bariloche nem para lugar algum! Eu não me afastarei do Rio! Ao inferno Bariloche!

ZULEIKA — Chi!...

EDUARDA — Isto é com você. Eu apenas dei o conselho com pena do seu estado. Ganhar dinheiro assim, perdendo a alegria de viver, me parece um contrassenso.

MÁRIO — Mas quem lhe disse que eu estou perdendo a alegria de viver? Pois fique sabendo de uma coisa: eu nunca achei a vida tão boa, tão divertida, como neste momento! Eu adoro, ouvirem? Eu adoro viver!

ZULEIKA — Antes assim. Agora, querido ao financiamento, se vocês me derem por escrito todas as indicações, eu consigo todos os papéis em vinte e quatro horas.

EUSTAQUIO — Você também se dá com a camarilha da carteira predial?

ZULEIKA — O presidente é um grande amigo meu!

EUSTAQUIO — O presidente? Mas onde você estreita relações com todos esses magnatas?...

ZULEIKA — Essa é boa! Onde! Então eu vivo me gastando noite e dia por essas festas cansativas para que? Para comer salgadinhos? Para ganhar uma dispendiosa?

EUSTAQUIO — E você nos faria então esse grande obséquio? Obteria logo o financiamento?

ZULEIKA — Depois combinaremos. Mas desta vez eu vou exigir uma comissão, uns 30 por cento. Eu agora resolvi fazer também minha advocaciazinha administrativa, minha coladiazinha...

MÁRIO — Até você, Zuleika?

ZULEIKA — Porque esse espanto, Mário? Então você acha que nesse avanço geral eu hei de ser a boazinha, a semente de santa? Não, meu caro, quando vier o dilúvio eu desejo estar com meu pé de meia, e de meia nylon, bem seguro, para viver o meu resto de vida sem preocupações.

EUSTAQUIO — É a primeira vez que ouço Zuleika falar na nossa linguagem brutal de homens de negócios. Sinceramente, Zuleika, não gostei.

EDUARDA — Pois eu fiquei emocionada. Zuli está cada dia com mais personalidade, mais realista e dominadora...

ZULEIKA — (Irônica) Obrigada, Eduarda. Mas, talvez Eustáquio tenha razão. Você não me conheceu na intimidade, como éle, para saber como eu era idealista, desinteressada e romântica...

EUSTAQUIO — Oh, ela mudou muito, Eduarda, muito.

ZULEIKA — Sim, mudei muito, todos mudamos muito nesta casa. Também eu aprendi a



gostar de dinheiro, a conhecer todo o poder do dinheiro. Antigamente, quando eu pagava o pão e a carne contando os níqueis, o dinheiro me parecia uma coisa indispensável, mas não absoluta. Hoje, não. Hoje eu descobri o valor do dinheiro, sei quantas coisas ele compra que nunca poderão figurar em catálogos ou anúncios... Sim, meus caros, trinta por cento, sobre o total do financiamento, e nem um centavo menos! (Vendo Lourencinho entrar, transfigura-se repentinamente como uma atriz consumada ou uma refinada hipócrita) Lourencinho, meu bem! Você veio doente mesmo, querido? (Entra Lourencinho, o cronista mundano, seguido de seu fotógrafo, que se coloca dignamente à margem de tudo).

LOURENCINHO — (Frívolamente, mas másculo) Zuleika, eu tomei três injeções, duas aspirinas e um aspirapó, mas vim para fazer a colônia da sua festa. Ponha a mão na minha testa; estou ardendo em febre! (Beijou a mão de Zuleika) Você está okeyzíssima, meu bem!

ZULEIKA — É mesmo: você está febril. Como você foi amável, Lourencinho! Eu não serei nunca como agradecer essa prova de consideração.

LOURENCINHO — Ah, eu disse que vinha e podia estar morrendo que vinha mesmo. (aperta a mão dos outros) Você está okeyzíssima, Eduarda!

ZULEIKA — Da sempre digo: Lourencinho tem uma grande consciência profissional! Espere: deixe-me ver se há alguma janela aberta, formando corrente de ar! (Olha) Não, pode ficar tranqüilo.

LOURENCINHO — Esta noite eu quis me lembrar da época para fazer uma embaçada e aqui está uma diáscora. Uma coisa horrível! Pensei que tivesse chegado a minha hora! (Entra Cidinha, Peggy e Beto).

EDUARDA — Viu? Bem me disse o Dr. Cunha Barros que as gripes este ano estão muito perigosas!

CIDINHA — Você veio, Lourencinho! Que bom!

LOURENCINHO — Você está okeyzíssima, Cidinha!

PEGGY — Helô, Lourencinho!

BETO — Sim, senhor! Nunca imaginei que um colonista social tivesse tanto espírito de sacrifício! A cara é de quem saiu da cova!

ZULEIKA — Ele fez isso por nós, Beto. Lourencinho é um grande amigo nosso.

EUSTÁQUIO — Quer um chá quente? Um sumo de laranja ao natural?

ZULEIKA — Ou você prefere um grog?

LOURENCINHO — Por enquanto nada, Zuleika. Obrigado. Eu quero é aproveitar esse tempinho para fazer umas fotografias especiais. O nosso número dedicado à "saison" vai ser cheio de reportagens mundanas...

ZULEIKA — Ótimo. Estamos todos à sua disposição.

LOURENCINHO — (Para o fotógrafo que se mantém sempre numa calculada penumbra, à margem de tudo) Fred, vamos trabalhar?

FOTÓGRAFO — Quando quiser. Estou pronto. (Todos manifestam a inquietação de novos ricos que vão posar para uma fotografia de revista grã-fina. Lourencinho corre os olhos sobre eles, sobre as paredes, sobre os móveis, sobre o teto com um ar concentrado de um general em combate).

LOURENCINHO — Bem, eu quero apresentar alguns casais, os casais mais destacados da

"saison", mas não sózinhos. Ficá menos monótono. Eduarda, você aqui, defrente deste quadro. O quadro é grande, vai dar um lindo fundo. (Puxa Eduarda pelo braço e colocá-a) Mário, você aqui, ao lado de Eduarda. Assim... E você, Cidinha, aqui do outro lado de Mário.

CIDINHA — Eu? (Há um embaraço geral. Todos se interrogam com os olhos).

ZULEIKA — (Enfrentando a gaffe) Cidinha, não, Lourencinho! Cidinha, não!

LOURENCINHO — Não, porque? O tipo dela vai ótimo com o de Eduarda e de Mário.

ZULEIKA — Eu sei, mas Cidinha, não!

LOURENCINHO — Zuleika, vá por mim, eu tenho uma grande experiência de combinar as pessoas, de fazer grupos bem fotogênicos... (Aumenta o embaraço).

ZULEIKA — (Um tanto enérgica) Peggy, você vai ficar ao lado de Mário. Perez faz questão de sair numa revista com Mário e Eduarda... ela nunca saiu assim... Não é verdade, Peggy?...

PEGGY — E... é verdade... Nós sempre comentamos essa coincidência... (Coloca-se ao lado de Mário).

ZULEIKA — Então não está um tiro delicioso? (Dá um beliscão discreto em Lourencinho) Seja sincero... Diga que está, vamos!

LOURENCINHO — (Espia para Zuleika e tem o estalo; lembra-se da situação de Cidinha com Eduarda, sente a gaffe) Ahn! É, você tem toda a razão... Zuleika! Está adorável! Fiquem bem naturais... como se estivessem conversando assim... Fred, pode bater! (Relâmpago de máquina).

LOURENCINHO — Bem, agora... (Espia em redor) Esta cortina como fundo vai muito bem com uns drapados bonitos. Zuleika... você aqui... E Eustáquio aqui. Pronto! A dificuldade era esta: eu queria botar uma "jeune fille" estranha perto de cada casal... E agora...? (Entra Solange com um ar experiente e fatal, nada condizente com seu estado de jeune fille).

SOLANGE — Alô, pessoal!

BETO — Solange, você está abusando do glamour.

LOURENCINHO — Solange, você é a providência em carne e osso! Coloque-se depressa aqui ao lado de Eustáquio!

SOLANGE — (Embaraçada, olhando para Zuleika) Eu?! (Atrapalhação coletiva).

EDUARDA — (Afrontando a segunda gaffe) Solange, não! (Intervém) Solange, não, Lourencinho!

LOURENCINHO — Meu Deus, será que a gripe me deixou pateta?

EDUARDA — Cidinha é quem vai ficar ao lado de Eustáquio...

LOURENCINHO — Mas...

EDUARDA — Cidinha é quem vai ficar!...

LOURENCINHO — Mas eu não queria misturar as filhas com os pais! Album de família é chato em sociedade.

EDUARDA — Cidinha vai ser a "charming girl" deste ano, com toda a certeza, homem! Aproveite e mostre a "charming girl" com seus pais. (Belisca-o) Entendeu agora?

LOURENCINHO — (Fixa Eduarda e tem o segundo estalo da tarde) Mas... Esplêndido, Eduarda! Esplêndido!... Onde estou eu com a cabeça? Com essa chapa eu mato dois coelhos... Fred, pode bater...

FOTÓGRAFO — Fiquem bem naturais... como se estivessem conversando... assim... (Relâmpago de flash) E agora?



LOURENCINHO — Agora, Betinho entre Peggy e Solange... E com essa fotografia podemos anunciar o noivado, não é, Betinho?

BETO — Pode. O diabo é se Peggy deixar de gostar de mim antes da saída do número de "saison"...

PEGGY — Oh, Beto!

LOURENCINHO — Aqui, aqui. Este quadro no fundo também deve ficar bem decorativo. Fiquem bem naturais... como se estivessem conversando... assim... (Relâmpago de flash) E agora?

ZULEIKA — Você não gostaria de fotografar, separadamente, os arranjos de vasos de Roberto?

LOURENCINHO — É uma idéia! Ele está fazendo tanto furor!

EUSTÁQUIO — Vamos. Eu não faço a menor idéia da decoração de flores do salão de festas... Deve estar... okeyzíssima! (Vão se deixando ficar, Mário e Cidinha. O diálogo segue enquanto saem, pela ordem, Zuleika, Eduarda, Solange, Peggy, Lourencinho, Mário, Eustáquio, Beto e Fotógrafo).

EDUARDA — Eu adoro os gravatás! Parecem pontas de lança molhadas de sangue!

BETO — Eu prefiro os antúrios rosados. Lembram flores de carne.

SOLANGE — Pois eu, não. Minha flôr predileta é o "bastão" do imperador. (Saíram. Estão em cena Mário e Cidinha).

MÁRIO — Só faltava isto: você aos beijinhos com Eduarda!

CIDINHA — Eduarda é uma mulher superior. (Beto, escondido).

MÁRIO — Francamente, esse elogio de Eduarda, feito por você nas minhas bochechas, é de uma diplomacia! Arre, assim é demais!

CIDINHA — Porque? Eu não posso ser uma amiga sincera de Eduarda? Hoje ninguém mais se separa brigando, fazendo escândalos. Hoje, casamento desfeito é porcelana quebrada, cada um trata de colar os pedaços escondendo o mais possível as emendas.

MÁRIO — Essa imagem até parece do meu antiquário, palavra! É sua ou é de Eduarda...

CIDINHA — Mário: eu não estou nada disposta a suportar hoje o mau humor da sua crise sentimental. Você ainda gosta de Eduarda!

MÁRIO — Eu?!

CIDINHA — Gosta, sim. Porque você não mandou ainda a petição de desquite para ela assinarem?

MÁRIO — Meu advogado mandou a dez vezes e ela recusou-se.

CIDINHA — Acredito. Mas na única vez em que ela fez questão de assinar, você prendeu o papel!

MÁRIO — Eu logo vi. Com aqueles beijinhos hipócritas Eduarda anda lhe virando a cabeça!

CIDINHA — Virada minha cabeça andava antes. Agora ela pode é estar voltando para o lugar. Você deve saber muito bem que a maior interessada, hoje, no nosso casamento, é Eduarda!

MÁRIO — Eduarda?!

CIDINHA — Você conhece o Marquês Pierre de Marsac?!

MÁRIO — Nunca ouvi esse nome!

CIDINHA — É porque nós não frequentamos ainda o primeiro "team". Mas eu sei quem ele é. É um solteirão riquíssimo e encantador, com residências particulares em Paris, em Can-

nes, em Capri, em Ostende, em Florença, e em Paris...

MÁRIO — Puxa, com tanta casa é pena ele só ter um corpo!

CIDINHA — (Pérfidamente) Oh, não se incomode que Eduarda vai arranjar um modo de morar em tôdas elas!

MÁRIO — (Subitamente grave) Eduarda? Porque Eduarda?

CIDINHA — Então Eduarda não lhe falou do seu casamento com o Marquês Pierre de Marsac?

MÁRIO (Positivamente atingido) Não, não falou. (Reagindo) Aliás, na nossa situação atual, ela não tem nenhuma obrigação de me participar seus noivados.

CIDINHA — Isso é verdade. Mas talvez ela não lhe tenha dito nada por causa das suas explosões de nervos. Você está intratável, você está dando choques elétricos...

MÁRIO — Espere: você também está querendo me despachar para Bariloche? Tire da cabeça a idéia de me mandar para Bariloche!

CIDINHA — Eu estou querendo tornar o mais agradável possível uma situação pouco agradável.

MÁRIO — Estou vendo, estou vendo...

CIDINHA — Eu sei de diversas fontes que Eduarda e Pierre estão apaixonadíssimos, alucinados um pelo outro.

MÁRIO — Melhor assim... (Sondando com diplomacia) Comenta-se muito, então, esse pratinho novo, não?

CIDINHA — É natural. Pierre é uma personalidade internacional. Um homem dispendioso pelo as mulheres de todo o mundo. As senhoras de ouro do bloco do pif-paf devem estar doidas em cima dele.

MÁRIO — Bem, isso não me interessa. Aliás, eu não estou gostando desse seu entusiasmo por Pierre de Marsac. Você fala como se Eduarda fosse trocar um nobre diabo por um príncipe encantado. Isso é idiota, Cidinha!

CIDINHA — É o que?

MÁRIO — Idiota!

CIDINHA — Chega, ouviu Mário? Eu não quero estragar a minha tarde. (Vai sair e se detém) Mas não tenha ilusões: você ainda gosta de Eduarda! Você tem paixão por Eduarda!

MÁRIO — É mentira!

CIDINHA — Você está se roendo de ciúmes de Eduarda (Sai).

MÁRIO — (Quando ela sai, baixa) Cretina! (Fica pensativo. Entra Eustáquio).

EUSTÁQUIO — Vai ver lá dentro. Está realmente interessante a decoração.

MÁRIO — Escute aqui, Eustáquio, você ouviu falar num tal Pierre de Marsac, um solteirão milionário e marquês?

EUSTÁQUIO — Nunca! Ele vem aqui hoje?

MÁRIO — Você está mentindo! Você conhece Pierre de Marsac!

EUSTÁQUIO — Eu? Eu teria interesse em esconder minhas relações com esse cavalheiro?

MÁRIO — Sei lá! Diante dessa conspiração subterrânea que se organizou contra mim aqui e na minha casa, eu espero tudo.

EUSTÁQUIO — Não me envolva nisso, pelo amor de Deus! Então eu também não estou sendo vítima? Sabe de uma boa? Solange anda agora com a mania de me dar conselhos... deu para me pintar Zuleika como a mulher ideal, como uma espécie de Gilda, de Scarlet O'Hara, de Rebeca... Você já viu!...

MÁRIO — Palavra, eu estou vivendo como

se morasse em Londres no tempo das bombas voadoras. Eu sei que alguma coisa vai explodir, cada dia, em cima de mim, mas não sei em que momento e em que lugar. Eu vou lhe fazer uma confissão, Eustáquio: já pensei em abandonar a sociedade.

EUSTÁQUIO — Não!!!

MÁRIO — Pensei, juro! Eu começo a ter medo desse abismo disfarçado debaixo de sedas, e de espuma de champagne, medo! Quanto mais eu subo na lista dos colonistas sociais, mais eu sinto que me afasto de um lugar seguro, da minha trincheira natural na vida.

EUSTÁQUIO — Homem, eu também ando meio zonzo, nessa barafunda toda. As vezes, eu sinto remorso de perder tantas noites de sono... Você vai rir... às vezes tenho vontade de me confessar a um padre e de dormir depois uma semana a fio. Não, antigos homens de batente, habituados a dormir de noite e a trabalhar de dia, nunca podemos vencer essa superstição da noite. O grã-fino, para ser feliz, precisa nascer grã-fino. Você não acha?

MÁRIO — Sei lá, Eustáquio. Eu sei que, de repente, com dinheiro, prestígio e tudo, eu me sinto num inferno.

EUSTÁQUIO — Assim também, não! Afinal de contas, se isto é um inferno, pelo menos é um inferno confortável.

MÁRIO — Então você não ouviu nenhuma referência a esse marquês Pierre de Marsac?

EUSTÁQUIO — Nenhuma. O homem tem dinheiro?

MÁRIO — É padre de rico. Possui residências particulares em Paris, em Nice, em Florença, em Capri, em Ostenda, em Cannes, em San Remo...

EUSTÁQUIO — Puxa! Isso já é abusar do direito de residir!

MÁRIO — Pierre é o que os franceses chamam um "grand seigneur". Para ver o pôr de sol, uma vez por ano, numa praia poética, ele compra uma vila nessa praia.

EUSTÁQUIO — Papagaio! Quem sabe se ele não entra na incorporação do Edifício Stelamaris na Avenida Atlântica? São apartamentos de grande luxo... Cinco salas, oito quartos, três banheiros de côr... piso de mármore...

MÁRIO — Que tolice! O Marquês Pierre de Marsac comprar um apartamento!

EUSTÁQUIO — Ora essa! Por que?

MÁRIO — Um "grand seigneur" como ele não admite a promiscuidade das habitações coletivas, nem mesmo a dos grandes hotéis de luxo!

EUSTÁQUIO — Então, o homem é mesmo interessante.

MÁRIO — Interessantíssimo. Em Monte Carlo ele joga em cinco roletas, ao mesmo tempo, e ganha sempre.

EUSTÁQUIO — Sempre?

MÁRIO — Sempre.

EUSTÁQUIO — Não é possível.

MÁRIO — Estou lhe dizendo. Diante de um "grand seigneur" como o marquês, o azar enca-bula, fica cheio de dedos, muda de sala. E o azar não foge dele porque ele é muito rico, foge porque ele solitaria uma boa gargalhada esportiva se ficasse arruinado no jogo. O azar gosta de nós porque dobramos a parada tremendo por dentro, com medo de ficarmos outra vez pobres. Pierre nunca foi pobre, percebeu agora? Até a miséria seria para ele uma aventura, uma novidade divertida.

EUSTÁQUIO — Você tem razão. O boleiro do Casino de Mar del Plata me diz sempre: dou-

tor, até no jogo o rio corre para o mar. Mas agora me responda: você conhece pessoalmente esse marquês?

MÁRIO — Conheço. É o pretendente de Eduarda.

EUSTÁQUIO — O pretendente de Eduarda!

MÁRIO — Sim: o meu provável sucessor.

EUSTÁQUIO — Que sorte teve Eduarda, hein? Isso é que é estrela!

MÁRIO — Você também acha, não? Também, na sua opinião, Eduarda teve sorte encontrando o príncipe encantado na hora de perder o pobre diabo do marido.

EUSTÁQUIO — Eu disse que você era um pobre diabo?

MÁRIO — Disse, indiretamente.

EUSTÁQUIO — Indiretamente?

MÁRIO — Sim. Se Eduarda teve sorte encontrando o marquês, logo andava sem sorte vivendo comigo. É lógico!

EUSTÁQUIO — Você não está regulando bem, Mário. Você não acabou de me endeusar agora mesmo esse cavaleiro?

MÁRIO — Sei lá. Eu sei que essa conspiração contra mim vai acabar! Ah, se acaba!

EUSTÁQUIO — Com sinceridade... eu não estou compreendendo mais nada! (Entra Zuleika)

MÁRIO — Você apareceu num momento muito oportuno. (Grave) Zuleika, esse seu trabalhinho de sapa precisa parar!

ZULEIKA — Trabalhinho de sapa? Francamente, Mário, não estou entendendo! Que há?

MÁRIO — Há que, por traz dos bastidores, você está anarquizando a vida de todo o mundo!

ZULEIKA — Eu? Anarquizando, eu?!

MÁRIO — Sim, você. Quem é esse marquês Pierre de Marsac?

ZULEIKA — Marquês Pierre de Marsac? Existe alguém com esse nome de personagem de romance de Delly?

MÁRIO — Por favor, Zuleika, eu estou falando sério!

ZULEIKA — Mas eu acho Pierre de Marsac nome de personagem de Delly, e acabou-se.

MÁRIO — Deixe de hipocrisias! Também nisso eu sinto o seu dedo! Você está afastando Eduarda e Cidinha de mim ao mesmo tempo. Você joga uma contra a outra, e as duas contra mim.

ZULEIKA — Eu? Então você acha que com tantos jantares, tantas recepções, tantos bailes, tantos pif-pafs, eu tenho tempo para jogar Cidinha contra Eduarda e as duas contra você? Você não acha que isso já seria jogo de mais?

MÁRIO — Pierre de Marsac... E a idiota da Cidinha anda entusiasmada com as parlapatices desse aventureiro! Eu estou vendo a hora em que as duas me rifam, e vão decidir nos dados qual fica com o marquês.

ZULEIKA — Não é nada disso. Você está querendo se iludir, Mário, mas a realidade é outra.

MÁRIO — Eu estou querendo me iludir?

ZULEIKA — Está. Entre a nova Eduarda, a Eduarda grã-fina, e Cidinha, você está se debatendo, sem coragem de resolver.

MÁRIO — É mentira!

ZULEIKA — Era fácil, muito fácil, você se desfazer da outra Eduarda, a Eduarda dos tempos de pobreza, a Eduarda sem vaidade e sem malícia, mas não da Eduarda de hoje, a Eduarda edição Vogue, a Eduarda cortejada pelos marquês internacionais entendidos de mulheres!

MÁRIO — Eustáquio, sua mulher está delirando, vê?



EUSTÁQUIO — Zuleika!

ZULEIKA — (Excitada) Sim, a realidade é esta: apareceu uma terceira mulher entre a Eduarda de ontem e a menina inexperiente cortejada por você sem o menor escrúpulo. Por coincidência essa mulher também se chama Eduarda.

MÁRIO — Isso é novela de rádio.

ZULEIKA — Pois sim. Mas fique certo de uma coisa, Mário: essa Eduarda de novela de rádio, vestida por Piguete e perfumada por Marcel Rochas, tem o coração duro, conhece bem os homens, é difícil de ser iludida por oportunistas como você! (Entra pela porta do "hall" o conde de Torano, impecável. Zuleika o vê e, com uma teatralidade exagerada, sem transição, abre um sorriso convencional e vai ao seu encontro).

ZULEIKA — Caríssimo conte, come sono lieta di vederlo fra noi! Come é andato il suo viaggio a Porto Alegre? Bene? (Entra Beto e fica atrás do bar).

CONDE — Benissimo, gentile signora Zuli, benissimo. Veramente, ho avuto molta nostalgia degli amici... Ma lei sa che questo vestito le va molto bene, che é veramente meraviglioso? per Bacco!

ZULEIKA — Grazie, conte. Io sapevo che le piacerebbe. Lo scelto pensando a lei... Venga, conte di Torano. La voglio presentare ad una amica mia molto cara. Eduarda ha un gran desiderio di conoscerlo personalmente...

CONDE — La bella signora Eduarda! Ho visto la sua fotografia nella colonna di Jeff Thomas di ieri mattina. Ah, quanto sono contento di conoscerla personalmente...

ZULEIKA — Venga, conte... Prego. (Vão saindo) Prego...

(Saem Zuleika e Conde).

EUSTÁQUIO — Prego, é uma martelada na cabeça! Você está vendo? Ela nem nos apresentou. Somos zero menos zero!

MÁRIO — Quem é esse debil mental?

EUSTÁQUIO — É a última descoberta de Zuleika. Italian boy, pernetas e gagá.

BETO — (Atrás do bar) É papai, mas não facilite com esses nobres pernetas e gagás que mamãe acaba indo. A aristocracia ainda é muito influente na sociedade.

EUSTÁQUIO — Que modo de falar é esse, seu idiota? Então sua mãe é dessas coisas?

BETO — Não facilite, não facilite... Começa que mamãe não falava italiano. E mamãe está um pedaço, com perdão da palavra.

EUSTÁQUIO — Cale-se, cretino! Me arranje uma bebida. O Conde de Torano. Essa é boa!

BETO — Um scotch?

MÁRIO — Nada de scotch. Eu e seu pai precisamos de uma coisa mais enérgica, de uma bomba. Você viu? Falou em Eduarda, o imbecil!

BETO — Já vi tudo; é a minha receita secreta para dor de cotovelo. Posso carregar na vodka?

EUSTÁQUIO — Carregue na vodka, no formicida, no vidro moído, no raio que o parta! Zuleika vai me explicar já onde aprendeu a falar italiano tão depressa... (Sai bufando).

BETO — Velha geração: corrompida, hipócrita sentimental e frouxa. Você sabe, Mário, Eduarda está falando francês melhor que a Brigitte Bardot e o De Gaulle!

MÁRIO — Vá... (Sai bufando).

BETO — (Sacode o misturador de bebidas cantando).

PANORÁPIDO

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

3.º ATO

O mesmo cenário dos atos anteriores. Quando abre o pano, perto da porta do hall, o conde de Torano despede-se de Zuleika. Ao fundo da cena, está Eustáquio com uma expressão típica de "fim de festa" caceteadíssimo e fazendo força para ser delicado e mostrar-se satisfeito.

CONDE — Bon soir, ma très chérie amie. Votre reception fut une des plus exquises soirées de l'année. Je vous téléphonerai demain. J'ai un détail amusant à vous raconter. **(Beija-lhe acorosadamente a mão.)**

ZULEIKA — A demain donc, très cher conte... Et merci. **(O conde de Torano sai. No fundo da cena já surgiu Lourencinho, que apertou silenciosamente a mão de Eustáquio e lhe deu uma peneirinha totoma no ombro. Quando Zuleika volta-se para o fundo, Lourencinho já está diante dela.)**

LOURENCINHO — Zuleika, adeus. **(Beija-lhe a mão)** Estêve tudo okeyzíssimo. Vou escrever uma crônica bem comprida e bem bonita.

ZULEIKA — Você tomou nota de todos os nomes?

LOURENCINHO — Todos. Cidinha me disse os que eu não sabia. Ahn... Ia me esquecendo **(Tira do bolso um caderninho e um lápis)** Seu vestido é modelo de?...

ZULEIKA — Carvel.

LOURENCINHO — **(Escrevendo)** Carven. E o de Eduarda?

ZULEIKA — Robert Piguet.

LOURENCINHO — **(Escrevendo)** Robert Piguet. Outra coisa: o vestido da ministra era verde "pistache" mesmo? Eu continuo achando que era verde "citron".

ZULEIKA — Era verde pistache mesmo, Lourencinho. Quando você me perguntou eu cheguei perto da ministra para ver, e reparei bem.

LOURENCINHO — Veja lá, Zuleika. Eu trabalho no gabinete do marido dela e não assino ponto. Se o verde não é pistache, ela me manda transferir para Aragarças.

ZULEIKA — Pode escrever. Eu assumo a responsabilidade.

LOURENCINHO — **(Escrevendo)** Ministra Santos Rocha, "toute en vert pistache". Bem, Zuleika "Bye, bye". **(Beija-lhe a mão).**

ZULEIKA — Muito obrigada, Lourencinho, você é um amor. O carro fechado está esperando lá fora para levar você, ouviu? Tome cuidado com essa gripe, hein? Homens como você não têm o direito de adoecer.

LOURENCINHO — Obrigado, Zuleika. Vou já me meter na cama. Continua ardendo em febre! Ai meu Deus! **(Zuleika acompanha-o até a porta, fica espiando um pouco, volta lentamente. Eustáquio já está no meio da sala, sozinho, misterioso.)**

EUSTÁQUIO — **(Inquisitorial)** Zuleika, quem é esse conde de Torano?

ZULEIKA — É um nobre arruinado muito culto e muito distinto. Anda apaixonadíssimo por mim.

EUSTÁQUIO — Isso eu vi, e creio que todos os nossos convidados se fartaram de ver.

ZULEIKA — Ainda bem. Aliás eu não convidiei para a minha noitada o instituto dos cegos. Ah, por falar no conde: vou precisar de seu arquiteto amanhã, sem falta.

EUSTÁQUIO — Para que? Posso saber?

ZULEIKA — O Conde vai abrir em Copacabana uma casa de flôres e eu resolvi ser sua sócia.

EUSTÁQUIO — Sua sócia?! E você acredita na capacidade comercial desse... desse... desse aristocrata?

ZULEIKA — Tenho uma fé cega. Di Torano é um perfeito galanteador. Quem pode vender flôres melhor que um homem habituado a comprá-las?

EUSTÁQUIO — E... Isso é verdade.

ZULEIKA — O Conde tem a experiência de jogador de pôquer que, depois de perder o último centavo, se emprega como "croquer".

EUSTÁQUIO — É uma tese curiosa, a sua!

ZULEIKA — Raciocine: por que a bombonière do príncipe Vladimir prosperou tanto? Porque o príncipe Vladimir antes de vender "marrons glacés" para as mulheres dos outros, comprava "marrons glacés" para as suas. A consciência do negócio vale muito, é um capital.

EUSTÁQUIO — Quer dizer então que o Conde entra com a consciência do negócio, e você com o capital?

ZULEIKA — Exatamente. E fique sabendo que uma coisa que eu não quero perder é o conde de Torano. Ainda ontem, tirando com aquela garçona da Gilda sobre a loja do conde, ela me disse: "Vou passar a comprar lá. Eu nunca recebi flôres de um conde e isso me dará uma certa ilusão. Gilda representa para mim a média.

EUSTÁQUIO — Ouça, Zuleika: que você se deixe cortejar escandalosamente por esse conquistador profissional, está certo; mas, que você se torne a sua "coronela"... isso passa da conta!

ZULEIKA — Você ainda não percebeu! O que eu quero, principalmente, é garantir um conde autêntico para as minhas recepções. Um conde é necessário ao sucesso de uma recepção, como um grande político, um grande escritor, um grande sábio. Além do mais, quem está aparecendo como sócia do conde, não sou eu, é Solange.

EUSTÁQUIO — **(Espantado)** Solange?!

ZULEIKA — Você não sabia, Eustáquio? **(Sonsa).**

EUSTÁQUIO — Não.

ZULEIKA — Estou gostando da discreção de Solange! Pois quem vai figurar oficialmente como sócia do conde é Solange. Ela terá uma boa percentagem nos negócios.

EUSTÁQUIO — Solange!

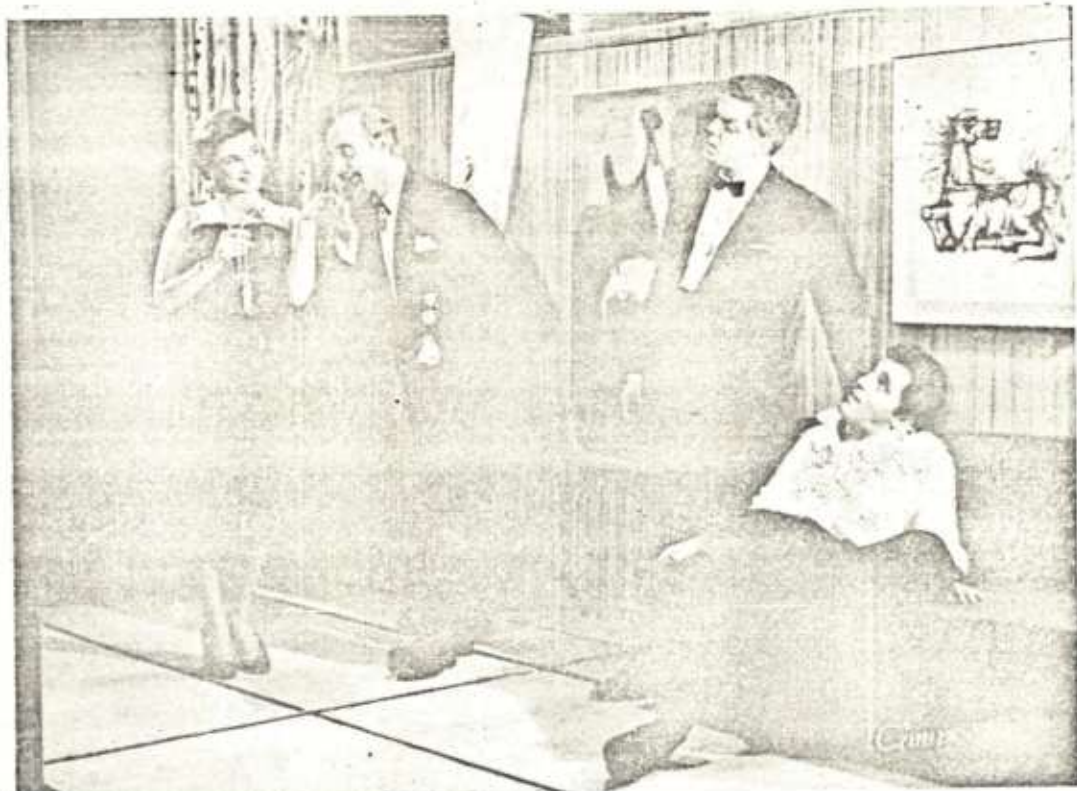
ZULEIKA — Oh, uma excelente menina, acredite. Seu mal foi ter querido penetrar na sociedade sem ter dinheiro e sem ter nome de família. **(Com intenção)** Você sabe muito bem: os velhos abutres endinheirados não poupam essas pobrezinhas.

EUSTÁQUIO — **(Hipócrita)** É o tributo da ambição.

ZULEIKA — Está enganado, Eustáquio... É o tributo da inexperiência. Mas não vamos dar aulas de moralidade depois da festa. Posso contar com seu arquiteto?

EUSTÁQUIO — **(Solene)** Zuleika: chegou o momento de botarmos as cartas na mesa!





Uma cena deste ato interpretada por Odete Lara, Luciano Gregory, Manoel Carlos e Mauricio Nabuco.

ZULEIKA — Agora?! Cansada como eu estou? (Irrompe Solange).

SOLANGE — (Para Zuleika) Meu bem, eu vou. Então amanhã às três horas. Não foi isso que nós combinamos?

ZULEIKA — Três horas em ponto. Eustáquio vai nos mandar o arquiteto para a adaptação da loja.

SOLANGE — (Meio surpreendida) Ah, é? Ótimo!

ZULEIKA — Eustáquio já sabe da nossa aventura comercial com o conde. Você não tem fé no negócio, Solange? Diga na frente dele.

SOLANGE — Jogo a minha vida.

EUSTÁQUIO — E por que?

SOLANGE (Intencional) Primeiro porque eu quero ganhar dinheiro, ter o meu carro, não depender mais de ninguém para ir aos lugares e para voltar depois...

EUSTÁQUIO — (Hipócrita) Realmente, numa época dessas, um carro próprio é uma grande coisa.

SOLANGE — Se é. O pior mercado negro do Rio é o da condução nos automóveis de certos milionários!

ZULEIKA — Eles não cobram nada, os "gentlemen." Mas há cada acidente do tráfico com os passageiros!

EUSTÁQUIO — (Contendo-se) Bem... Você lá dizendo Solange?

SOLANGE — Outro motivo porque confio no negócio: eu sou a confidente de todos os grã-finos que mandam flores no Rio. Tenho o carnet sentimental secreto da alta sociedade. Sei se Fulana de Tal deixará de resistir mais de-

pressa com uma caixa de orquídeas ou com uma corbeille de lilazes vindos da Holanda. Sei a data exata do aniversário das mulheres honestas casadas com homens modernos. Sei escrever em bom português, uma frase bonita para os Casanovas, ricos, mas fraquinhos em ortografia. Tudo quanto se refere à etiqueta, à influência e à política das flores, eu conheço a fundo. Porque não havemos de ganhar dinheiro? E a parte familiar propriamente dita?

EUSTÁQUIO — Parte familiar? Que parte familiar?

SOLANGE — Sim: os grandes casamentos, os enterros de gala... É preciso não esquecer de que, no meio disso tudo, também há gente que se casa e gente que estica as canetas...

EUSTÁQUIO — Bem, se é assim...

ZULEIKA — É assim mesmo, Solange, não é? E quem vai escolher seu carro sou eu. Faço questão.

SOLANGE — Você é um amor, Zuleika. (Beija-a) Adeus, Zuleika.

ZULEIKA — Adeus, querida.

SOLANGE — Passe bem, Eustáquio.

EUSTÁQUIO — Boa noite, Solange. (Solange sai. Eustáquio olha, como uma fúria repressada, para Zuleika, que acende calmamente um cigarro).

EUSTÁQUIO — As forças subterrâneas continuam agindo até nas suas festas, hein?

ZULEIKA — (Sonsa) Forças subterrâneas? Um bate-papo tão simples, tão natural...

EUSTÁQUIO — Zuleika... chegou a vez de botarmos as cartas na mesa.



ZULEIKA — Outra vez as cartas na mesa? Meu Deus, como pif-paf vicia a gente!

EUSTAQUIO — Peço-lhe, Zuleika, vamos dar a este nosso entendimento um tom menos espinafreado. Hoje eu não respondo por mim!

ZULEIKA — (Com calma demolidora) Que é que você quer dizer com isso?

EUSTAQUIO — Que estou disposto a tudo! Basta de mulheres diabólicas dentro desta casa!

ZULEIKA — Por favor, Eustáquio, não faça o dramático e o escandaloso. Meu maior trabalho nesta casa, tem sido, justamente, contornar o escândalo e evitar o drama.

EUSTAQUIO — É a sua idéia fixa: Salvar a família.

ZULEIKA — Você exagera o meu papel! Eu apenas tenho lutado um pouquinho para fazer da nossa tragédia doméstica uma tragédia sem lágrimas. Ah, isso eu consegui, graças a Deus! Você não reparou? Estamos vivendo uma farsa com fundo de rock'n roll.

EUSTAQUIO — Você fez foi uma embruhada incrível!

ZULEIKA — Minha vocação está definida. Eu nasci para afastar da lama os lírios, nada mais.

EUSTAQUIOS — Outra fixação sua: a lama. Você vê lama em tudo!

ZULEIKA — Eu vejo a lama onde ela está. Se você fosse um homem justo me agradecerias por eu ter trabalhado assim, nos subterrâneos, discretamente, como um honrado limpador de esgotos... (Entram Eduarda e Mário).

MÁRIO — (Com gravidade) Eduarda, responda a minha pergunta: quem é Pierre de Marsac e o que ele representa na sua vida?

EDUARDA — Deixe-me em paz! Você não tem mais o menor direito de me pedir satisfações.

MÁRIO — Pois está muito enganada: perante a lei, ainda tenho! E vamos pôr as cartas na mesa!

ZULEIKA — Chi... Continúa o carteador!

MÁRIO — Pela última vez: quem é esse marquês Pierre de Marsac?

EDUARDA — Você tem aí o almanaque de Gotha, Zuleika? O homem quer ver o "pedigrée" do marquês.

EUSTAQUIO — Eduarda, não complique a situação com essas brincadeiras. Eu também exijo saber alguma coisa sobre essa aristocracia de... araque. Tenho minhas contas a acertar!

ZULEIKA — Viu? Os dois estão contra a nobreza!

MÁRIO — Zuleika, peço-lhe!

ZULEIKA — Francamente, Mário! Depois do que houve entre você e Eduarda, essa sua curiosidade a respeito de Pierre de Marsac não lhe parece uma falta de elegância? Mas não faça cerimônia, hein? Se você insistir, eu posso promover um "tête à tête" com o marquês, para você se conhecerem melhor...

EDUARDA — E eles acabariam grandes amigos, tenho a certeza. Pierre é fascinante. Ele conquistou, no primeiro momento, os homens e as mulheres. ...Eu sempre digo: Pierre, você é capaz de colocar o algodão no dentê cariado de um tigre!

MÁRIO — Eu acho de péssimo gosto essas suas imagens zoológicas! - Pierre de Marsac aprecia muito essas "blagues"?

EUSTAQUIO — Por favor! Não adianta estarmos aqui nos azedando inutilmente. Eu vou apresentar uma proposta conciliatória. Eu e Mário trocamos idéias durante o "cocktail" e... to-

mamos uma decisão. (Repara em Beto e Peggy que entram) — Beto! Mas será possível?! (irru peram bruscamente pela sala Peggy e Beto)

Peggy vem montada na corcunda de Beto. Fazem a volta da sala depressa, às gargalhadas.

PEGGY — Eu caio, Beto! Me segura, q eu caio!

BETO — Upa! Upa! Upa! Meu cavalião alazão!

PEGGY — Bye, bye, Eduarda! Bye, Be Zuleika! (Dá adeuses).

EUSTAQUIO — Beto, tenha um pouco de consideração! (Solene) Nós estamos num conselho de família!

BETO — É? Isso é um conselho de família Formidável!

EUSTAQUIO — Peggy, por favor!

PEGGY — A culpa é de Beto! Eu não quero! (Saem às gargalhadas - Peggy e Beto).

EUSTAQUIO — E basta, ouviram! (Nouptom) Bebem demais e depois temos que aguenta essas idiotices...

ZULEIKA — Pronto: o conselho de família decidiu a sua austeridade. Que é que você está dizendo, Eustáquio? Uma decisão?

EUSTAQUIO — Sim. (Grave) Nós vamos abandonar quanto antes a sociedade.

ZULEIKA — Nós?! Nós... quem?

EUSTAQUIO — Você, Eduarda, nossos filhos Mário, eu, todos nós.

ZULEIKA — Eu, abandonar a sociedade? Vocês enlouqueceram.

EDUARDA — Nós, abandonarmos a sociedade! Quantos "whiskies" você bebeu, Eustáquio!

MÁRIO — (A Eduarda) Oh, a grã-fina de quatrocentos anos!

EUSTAQUIO — (A Zuleika) A ditadura é elegância!

ZULEIKA — Está bem: nós somos grã-fina da inflação, grã-finas tabela Price, mas só sairemos da sociedade no carro de entêrro.

EDUARDA — Isso mesmo: vinte e quatro horas depois de mortas.

ZULEIKA — Se é possível uma coisa dessas! Onde estão vocês com a cabeça? Sem a sociedade nós não poderíamos mais viver, compreendem? A sociedade pode ser fingida, mas

finja mandando convites, oferecendo flores e presentes, dizendo coisas amáveis, escolhendo os melhores vinhos e as melhores comidas, inventando pretextos para tornar agradável a vida de próximo. A sociedade é acusada de fútil para não dar importância à própria generosidade.

EDUARDA — Nem há dúvida! O grã-fino é o verdadeiro altruista. Reparem que ela, quando constrói sua casa, faz um bar mesmo sem gostar de álcool, faz uma piscina mesmo sem gostar de natação. O grã-fino pensa, antes de tudo, nos prazeres alheios.

EUSTAQUIO — E nas mulheres alheias. Sobretudo nas mulheres alheias.

ZULEIKA — Quanto a isso você deve ter alguma experiência. Mas uma coisa vocês não podem negar: em sociedade as mulheres nonestas têm um valor especial, porque sofrem mil tentações, expõem a sua virtude a todas as provas.

EDUARDA — Claro! Não é vantagem ganhar grau dez em conduta, receber o "Oscar" de fidelidade conjugal, vivendo como a Gata Borralheira no fundo de uma toca!

MÁRIO — Pois nós abandonaremos a sociedade. Se vocês quiserem continuar, continuem sôzinhas.

EUSTAQUIO — Uma decisão tomada por nós, depois de refletirmos muito. Iremos para

as nossos chácaras no Alto da Boa Vista. Até que nos esqueçam um pouco.

ZULEIKA — Chi! Logo lá, onde tem tanto borrachudo! Não, meu caro: esse negócio de ver matas verdes, de ouvir galo, sapo e grilo é muito poético, mas para quem gosta.

EDUARDA — Eu também detesto roça. A última vez que estivemos na fazenda - lembra-se Mário? — eu tive uma febre exquisita chamada febre de feno! E voltei toda empicocada de carrapatos.

MÁRIO — Eduarda, basta de esnobismo! Você irá para onde eu quiser!

EUSTAQUIO — E você também, Zuleika, acabe com essas frivolidades tolas! Acho que já fizemos tolices bastantes! (Entra Cidinha - Silêncio brusco).

CIDINHA — Eu telefonei para o Sacha's mandando reservar uma mesa. Vocês não toparam um esticadinho?

EDUARDA — Naturalmente. A noite está tão jovem!

MÁRIO — Ninguém vai esticar coisa alguma! Que coisa!

ZULEIKA — Chi... Bem, eu vou dar uma espiada lá dentro. Venha, Eustáquio, venha Cidinha... (Saem Zuleika, Cidinha e Eustáquio).

MÁRIO — Agora posso lhe dizer uma coisa: eu não assinarei o desquite e exijo que você rompa imediatamente com esse marquês.

EDUARDA — Exije?

MÁRIO — Exijo.

EDUARDA — (Pausa - Observa-o com um sorriso maternal) Engraçado! Esse seu ar de criança prepotente e incoerente, habituada a querer tudo na hora, sem pensar nos outros, ainda tem um certo charme. Então, não é? Cidinha vai para um lado, Pierre para o outro, eu e você para a chácara do Alto da Boa Vista em segunda lua de mel com os carrapatos e borrachudos.

MÁRIO — Eu faria uma concessão, continuaríamos em sociedade. Aliás, a sociedade hoje sentiria a sua falta. Você se tornou uma lady insubstituível, Eduarda.

EDUARDA — Está aí, essa sua linguagem mundana me agrada. "Uma lady insubstituível"... E fina, me agrada... (Pausa) E Cidinha?

MÁRIO — Já conversei com ela tudo.

EDUARDA — Ah... Ah... E aí?

MÁRIO — O fim de romance mais bonito que já vi em minha vida! Tenho até vergonha de contar.

EDUARDA — Conte. Eu preciso saber de tudo. Cidinha hoje e minha amiga e em hipótese alguma — tome nota — ela sofrerá por minha causa.

MÁRIO — Cidinha gostava de mim, como uma criança que estiverce fazendo uma travessura muito grave, gostava procurando intimamente combater esse amor.

EDUARDA — Sobre isso eu nunca tive dúvida. Há um bom senso evidente debaixo do seu estouvamento de garôta moderna.

MÁRIO — Hoje, durante a reunião, ela chegou perto de mim e disse: "Estamos de parabéns, Mário. Descobri agora mesmo que você ainda gosta de Eduarda e que eu não gosto mais de você. Procure depressa Eduarda e veja se consegue reconquistá-la! Cidinha parecia feliz como se tivesse ficado boa de uma doença grave e repulsiva.

EDUARDA — Realmente, esse fim de romance não é besta como você disse, mas é um pouco desconcertante.

MÁRIO — É besta, sim, não faça cerimônias. Agora você vai me dizer uma coisa: onde está Pierre de Marsac, neste momento?

EDUARDA — Em Paris.

MÁRIO — Você vai mandar imediatamente um telegrama para ele, rompendo.

EDUARDA — Um telegrama? Mas por que tanta pressa!

MÁRIO — Eu exijo! Você tem o endereço dele aí?

EDUARDA — O endereço de Pierre?... Espere... Ahn... (Vai ao móvel, abre a pasta de livro, lê) É isso mesmo: tome nota: Librairie Bertillon, Boulevard des Italiens, 13...

MÁRIO — Por que Librairie Bertillon?... Ele não lhe deu o endereço da sua residência em Paris?

EDUARDA — É que... você sabe, Pierre de Marsac tem enorme interesse nas editoras e livrarias de Paris. A Librairie Bertillon é seu escritório central.

MÁRIO — (Fechando o caderninho) Muito bem, agora vamos para casa e no caminho telegrafaremos.

EDUARDA — Mas...

MÁRIO — Um telegrama bem incisivo e bem lacônico: "Volto para meu marido a quem verdadeiramente amo! Não apareça nunca mais por aqui, porque, além de me desagradar a sua presença, meu marido lhe quebrará a cara". Eu exijo que a redação seja esta: lacônica e incisiva. Vamos embora.

EDUARDA — A redação está bem, Mário, mas nós vamos ficar para...

MÁRIO — Vamos embora. Zuleika compreenderá que alguma coisa de muito desejado foi em vão alcançada. (Pega o braço de Eduarda - Entram Zuleika e Cidinha).

ZULEIKA — Deram o fora à inglesa, sem esperar por nós... Bom sinal (pegando Cidinha pelo braço) Agora venha cá e acabe de me contar como foi. (Senta-se e passa o braço sobre o ombro de Cidinha, que se sente também).

CIDINHA — Eu já disse tudo, mamãe.

ZULEIKA — Mas você não sofreu? Não está sofrendo? Diga a verdade, minha filha...

CIDINHA — Eu nem me lembro mais de Mário hoje. Bem me diz a Ana Luísa: "nenhum homem me faz depressa de outra vida tanto a mim que foi toda a nossa vida."

ZULEIKA — E, mas não se fie muito nos pensamentos filosóficos da Ana Luísa. Ela disse isso mas acabou se casando com o homem que inspirou a frase.

CIDINHA — Mamãe: você tenha a certeza de que Mário saiu do meu coração para sempre...

ZULEIKA — A certeza? Quem pode ter a certeza nesses casos?

CIDINHA — Pois então tenha. Se Eduarda pudesse se casar hoje, de novo, com Mário, eu ia ser a mais feliz, a mais alegre das suas "demoiselles d'honneur". Por falar nisso, mamãe, amanhã eu vou mandar uma bracaça de lilazes brancos para Eduarda. Eu adoro Eduarda.

ZULEIKA — Eduarda é um anjo. Eu não disse, naquela dia, que querer matar alguém num momento de desespero não tem a menor importância?

CIDINHA — É verdade: vou até guardar o revólver de Eduarda como lembrança.

ZULEIKA — Agora outra coisa, Cidinha: vamos este ano dar o nosso passeio à Europa?

CIDINHA — Vamos. Eu agora sou livre, eu



agora posso viver a minha vida sem remorsos e sem humilhações.

ZULEIKA — (Abraçando e beijando a filha) Cidinha!

CIDINHA — Mamãe, você conhece o marquês Pierre de Marsac?

ZULEIKA — Muito.

CIDINHA — De onde?

ZULEIKA — Daqui, do Rio.

CIDINHA — Do Rio? Como é que eu andei indagando em todos os hotéis, no Consulado da França, em toda parte, e ninguém conhece?

ZULEIKA — Eu vou lhe mostrar. (Vai até o móvel, sobre o qual está o livro dentro da pasta de couro. Cidinha segue-a intrigada. Zuleika volta com o livro). Neste romance você tem as aventuras políticas e sentimentais do marquês Pierre de Marsac, guilhotinado em Paris por ordem de Robespierre.

CIDINHA — (Folheando o livro, sem querer ler nada) Como! Pierre de Marsac não existe?

ZULEIKA — Pois não, Cidinha, existe. Terá sido tão pouco trabalho aos maridos do seu tempo!

CIDINHA — (Espantada, como se acordasse de um sonho) Então Eduarda...

ZULEIKA — É isso mesmo, Cidinha. Eu desencanaei esse marquês na biblioteca e Eduarda utilizou-se dele para provocar ciúmes em Mário. Aliás, esses titulares ganham muito só aparecendo em romances. Você não vê aquela cacetão do Conde de Torano?

CIDINHA — Pierre de Marsac! Pensei tantas vezes nele! Louro...

ZULEIKA — Não Cidinha, moreno.

CIDINHA — Moreno... olhos verdes...

ZULEIKA — Verdes, não, Cidinha, castanhos claros. Não será melhor você ler o livro?

CIDINHA — O livro não interessa, mamãe. Pierre de Marsac! Eu sonho éle assim: um rosto moço com cabelos grisalhos... campeão de bridge e de tiro ao pombo... sabendo apaixonar uma teen ager em oito idiomas, muito namador, perdendo no jogo e no amor com o mesmo sorriso de criança um pouco estragada pelos mimos do mundo... Mamãe, eu estou apaixonada por Pierre de Marsac!

ZULEIKA — Sim, mas não diga nada a Eduarda. Ela poderia achar isso um excesso de coincidência.

CIDINHA — Iremos então diretamente à França, está bem?

ZULEIKA — Iremos para onde você quiser. Quem manda nesta viagem é você.

CIDINHA — Não sei, meu coração me empurra para a França. (Abraça Zuleika e roda Mamãe, eu estou contente, contente, contente)

ZULEIKA — Sim, minha doidinha. Mas você não quer ler o livro?!

CIDINHA — Não. Esse livro está todo errado, mamãe. Pierre vive! Pierre está à minha espera! Pierre nunca morrerá na guilhotina (Cidinha sai correndo e rindo) (Zuleika vai colocar o livro na pasta. Volta, fica um momento pensativa. Desanda a chorar nervosamente: entra Eustáquio).

EUSTÁQUIO — Que é isso, Zuleika?! Você está chorando? Você está chorando? Você não disse que...

ZULEIKA — Eu agora posso chorar... (Da livre expansão ao seu pranto) Deixe-me chorar Eustáquio! (E enquanto Eustáquio se aproxima de Zuleika e lhe afaga silenciosamente os cabelos entra Betinho).

BETINHO — Pessoal! Acabou-se o romance com Peggy! Ela me deu o fora.

ZULEIKA — Peggy?

BETINHO — É, me pegou num flagrante beijando a Renata. Quem manda querer ver demais?

EUSTÁQUIO — Deu o fora? Mas não estava moivo?

BETINHO — Papai é ingênuo! Deixa ele se virar pra outros lados.

ZULEIKA — E você não está sofrendo, meu filho?

BETINHO — Que sofrendo, mamãe! Quantos mulheros a senhora pensa que estão no fim da linha agora?

EUSTÁQUIO — Essas estatísticas não interessam a sua mãe. Mais respeito. Mas Peggy podia ter se despedido de nós, que diabo!

BETINHO — Papai é atrasado! Fêz muito bem em não dar as caras. Que é isso, mamãe. Você está chorando?

ZULEIKA — Eu? Que bobagem! (Rompe em pranto).

BETINHO — Será que esse choro todo é por causa de Peggy? Do tipo de Peggy eu tenho três, mamãe, três!

EUSTÁQUIO — Por causa de Peggy coisa nenhuma! Sua mãe está feliz, está contente, muito contente. Não seja chato, e deixe a sua mãe chorar à vontade. Zuleika, meu bem. Eu quero beijar de joelhos a sua mão.

BETINHO — (De longe) Que novidade é essa papai! Beija na boca.

P A N O

FIM

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 885

Telefone: 226.9242 - CEP 91020-025